



Departamento de Antropologia

Redes sociais e usos da Internet em dois grupos de jovens

Leonel Santos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Antropologia

Orientador:
Professor Doutor Filipe Reis, Professor Auxiliar
ISCTE - IUL

Outubro, 2010

SUMÁRIO

Este trabalho insere-se no estudo das redes sociais e das comunidades virtuais.

Comecei por fazer um trabalho de campo sobre dois grupos de jovens, que acompanhei durante dois anos, fazendo a etnografia dos seus usos da Internet, em especial dos modernos programas ditos de Rede Social; e de como eles os integram no seu quotidiano, de como se apropriavam da Internet no seu uso próprio.

Finalmente procurei contribuir com a minha observação e as minhas conclusões, para o debate em torno das Redes Sociais e das Comunidades, do ponto de vista da Antropologia Social.

Palavras Chave:

Redes Sociais, Comunidades virtuais, Internet, Jovens

ABSTRACT

This work falls into the study of social networks and virtual communities.

I started by doing a fieldwork study on two groups of young boys and girls, who I accompanied for two years, doing the ethnography of their uses of the Internet, especially the so-called modern programs of social network, and how they integrate them in their daily lives, how they appropriate the Internet in their own use.

Finally I tried to contribute with my observations and my conclusions to the debate on Social Networks and Communities, from the viewpoint of social anthropology

Social Network, Virtual Communities, Internet, Young

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 1 |
| 1. O OBJECTO..... | 2 |
| ALGUMAS QUESTÕES ÉTICAS..... | 5 |
| 2. REDES SOCIAIS, COMUNIDADES E INTERNET..... | 6 |
| a. A Internet..... | 6 |
| Web 1.0, Web 2.0, Web 3.0..... | 9 |
| b. As Redes Sociais..... | 11 |
| c. Comunidades..... | 14 |
| d. Comunidades Imaginadas..... | 18 |
| e. Comunidades Virtuais..... | 20 |
| 3. O TRABALHO DE CAMPO..... | 24 |
| a. A Primeira Ronda de Entrevistas - Grupo 1..... | 25 |
| b. A Primeira Ronda de Entrevistas - Grupo 2..... | 30 |
| c. Segundas e Terceiras Entrevistas ± Grupo 1..... | 34 |
| d. Segundas e Terceiras Entrevistas ± Grupo 2..... | 36 |
| e. Últimas Entrevistas ± Registo de Interacções..... | 39 |
| 4. CONCLUSÕES..... | 41 |
| a. A Internet..... | 41 |
| b. Comunidade Virtual Internet e Redes Sociais..... | 42 |
| c. Linguagem Internet como comunidade e cultura..... | 43 |
| d. Classe Social, Idade, Género..... | 46 |
| i. Facebook..... | 47 |
| ii. Messenger..... | 47 |
| iii. Skype..... | 47 |
| Hi5 e Tweeter..... | 48 |
| iv. <i>Blogs e sites</i> | 48 |

| | | |
|-------|---|----|
| v. | Música e cinema..... | 49 |
| vi. | Google, Wikipedia e navegação interneta..... | 49 |
| vii. | Jogos..... | 49 |
| viii. | Email..... | 50 |
| e. | Internet – A nova arena..... | 50 |
| f. | O anonimato..... | 52 |
| g. | Second Life..... | 53 |
| | BIBLIOGRAFIA..... | 55 |
| | ANEXO A - Mapa de distribuição entrevistas e entrevistados - Grupo 1..... | 58 |
| | ANEXO B - Mapa de distribuição entrevistas e entrevistados - Grupo 2..... | 59 |
| | ANEXO C - Mapa de dados de caracterização - Grupo 1..... | 60 |
| | ANEXO D - Mapa de dados de caracterização - Grupo 2..... | 61 |
| | ANEXO E - Mapa de usos do computador - Grupo 1..... | 62 |
| | ANEXO F - Mapa de usos do computador - Grupo 2..... | 63 |
| | ANEXO G -Tópicos das entrevistas - Primeira Entrevista..... | 64 |
| | ANEXO H - Tópicos das entrevistas - Segunda e Terceira Entrevista..... | 66 |
| | ANEXO I - Status do Messenger - Grupo 1..... | 68 |
| | ANEXO J - Status do Messenger – Grupo 2..... | 69 |
| | ANEXO K - Registo de Interacções - 1..... | 70 |
| | ANEXO L - Registo de Interacções - 2..... | 73 |

INTRODUÇÃO

O meu interesse pela Internet é longínquo, tanto do ponto de vista tecnológico como social. A mudança, as mudanças, que operou na sociedade, em especial pelo seu contributo decisivo para a globalização, não podem deixar ninguém indiferente mas, no meu caso particular, sempre me fascinou a infinidade de formas que a Internet proporciona de comunicação, e o modo como os indivíduos se apropriam dela, na afirmação da personalidade, na satisfação de interesses pessoais ou para a gestão do capital social próprio. Os jovens em especial, pelo entusiasmo próprio da juventude, e pelo que possuem de mais genuíno, quero dizer, menos dissimulado, estiveram sempre no centro do meu interesse. Este interesse começou mesmo em minha casa, na observação dispersa do comportamento dos meus filhos.

Os jovens que têm hoje 16 anos têm a idade da Internet e, ao contrário dos adultos que tiveram que aprender a trabalhar com a Internet, e que o tratam na maioria das vezes com as dificuldades de um objecto estranho (objecto de desejo também), os jovens cresceram com a Internet e tratam-na por tu, com a naturalidade com que as gerações anteriores comunicam por telefone. Mas tratava-se também de confirmar esta presunção; até porque a Internet se popularizou em Portugal com algum atraso em relação aos Estados Unidos e o resto da Europa, e ela própria está a evoluir muito rapidamente.

1. O OBJECTO

Os jovens eram então os meus candidatos preferenciais para o trabalho de campo, enquanto do ponto de vista teórico me interessava explorar os estudos sobre a Internet e as Redes Sociais, as Comunidades Virtuais, e a construção de personalidade na Internet, dita virtual; «But the Internet is not growing apart from the world, but to the contrary is increasingly embedded in it» [Wilson e Peterson 2002, 451]!: como é que os jovens se relacionavam dentro da Internet e como é que esse relacionamento virtual se entrosava no seu quotidiano e no seu crescimento.

Enfim, outras áreas surgiram no decorrer do trabalho de campo e das leituras, que me levaram até a inflectir o sentido da minha investigação.

O meu interesse dirigiu-se para os jovens no final da adolescência, a partir dos 16 anos. Basicamente este meu público-alvo foi determinado pela ideia de que por um lado estes jovens abordavam (abordariam) a Internet de forma diferente dos adultos, já que tinham crescido com ela. Quer dizer, enquanto «os adultos»¹ foram descobrindo a Internet, para os jovens a Internet sempre existiu e faz parte do quotidiano como o telefone ou a televisão.

Alguma observação prévia sugeria-me que a forma como os jovens olham a Internet era radicalmente diferente dos adultos: eles não trocavam emails com larachas, paisagens ou mensagens de fraternidade, mas também não se apropriavam da Internet à maneira dos «especialistas» de informática. Curiosamente os jovens de 17 anos que contactei não descobriam nada ou não se sentiam a descobrir nada, ou muito pouco, e a forma como eles encaravam a Internet era como se ela sempre lhe tivesse pertencido: a Internet é uma coisa natural, e sempre existiu. Este sentimento de pertença pode ser notado como diferenciador da sua identidade como jovem, em oposição ao estatuto de adulto.

Por outro lado a agilidade como trocavam de uma plataforma ou meio era mais determinada pela conveniência, moda ou motivação de grupo, sem que com frequência se dessem sequer conta disso, e ao contrário dos adultos, a Internet não era uma outra realidade, diferente da própria vida.

¹ O conceito sociológico de adulto, criança e adolescente não é pacífico. Adoptaremos a ideia vulgar de adolescente como não ainda homem ou mulher.

Mas esta generalização podia ser abusiva e era necessário confirmá-la no terreno de forma mais sistemática.

O facto de o universo – e o trabalho de campo - sobre que me debrucei, serem jovens entre os 15 e os 20 anos, foi determinado também pela maior facilidade de acesso e pela necessidade de contornar eventuais confusões sobre as minhas hipotéticas motivações menos científicas: alguns dos jovens que tentei abordar fora da escola apresentaram-me justificações de escusa motivadas por proibições ou desconfianças parentais. Mas eu penso que será interessante e desejável fazer esse trabalho entre jovens de uma escala etária mais baixa: afinal uma criança de 12 anos tem já hoje uma utilização da Internet, quiçá mais espontânea - devido ao referido atraso de Portugal na entrada da Internet - que um jovem de 17. Mas isso exige uma dedicação, acompanhamento e organização de que não dispus (a que não me dispus, foi contrariada ou não cabia neste modelo de trabalho).

Vale a pena no entanto observar que, se por um lado a Internet não é uma plataforma estática ou tão-pouco evolutiva como sugere a História contada de acordo com a Web 1 a 3, os produtos que os jovens utilizam são diferentes no tempo e no espaço e diferentes de acordo com grupos, classes sociais, modas ou outras razões, e os resultados, dependendo destas plataformas, variam mesmo no mesmo grupo etário e em observadores diferentes. Esta é também uma das minhas conclusões.

De acordo com um modelo empírico de rede social, o meu trabalho de campo dirigiu-se sobre dois grupos de jovens: um primeiro grupo - GRUPO 1² - de amigos e colegas de dois jovens que se disponibilizaram a auxiliar-me - e a que chamarei doravante de Ego 1 e Ego 2 -, dos 17 aos 20 anos (seis jovens), e um outro - GRUPO 2³ - de entre os alunos de uma turma do 10.º ano do Agrupamento de Escolas de Bartolomeu de Gusmão (treze jovens). Prevenindo a deformação da informação previsível pela excessiva proximidade, deliberadamente excluí os dois jovens Ego 1 e Ego 2 de um primeiro momento da investigação.

Comecei por utilizei um método baseado em entrevistas directas e pessoais, de 45 a 90 minutos, com perguntas que incluíam idade, interesses pessoais, dados sobre a família,

² Mapas 1, 3 e 5

³ Mapas 2, 4 e 6

residência ou profissão dos pais, tipo de utilização da Internet, informática e outras tecnologias, sua e dos coabitantes, conhecimentos técnicos, até questões mais dirigidas à teia de relações estabelecidas dentro da Internet. Esta recolha de dados haveria de ser útil, como Clyde Mitchell tinha antecipado em **A Questão da Quantificação na Antropologia Social** (Mitchell 1987), e tiveram por base um questionário comum que a entrevista recorrentemente furava.

Foi possível nalguns casos entrevistar alguns jovens quatro vezes, outros três, outros duas, e alguns outros apenas uma vez. As entrevistas começaram em Setembro de 2008 e terminaram em Julho de 2010. Num primeiro momento as entrevistas obedeciam a um inquérito tipo, pouco rígido e onde as respostas solicitadas eram bastante mais qualitativas e descritivas que quantitativas. As segundas e terceiras entrevistas procuravam sempre observar as alterações tanto na utilização da Internet como na vida dos jovens.

As últimas entrevistas, já efectuadas este ano, incluíam sempre ou foram mesmo substituídas por um exercício a que chamei de Registo de Interacções, que se resumia à descrição simples de todos os contactos sociais ao longo de dois ou três dias, através de todos os meios: pessoal, internet ou telefone. Considerei útil incluir os Egos 1 e 2 neste exercício final.

Algumas das entrevistas (e Registo de Interacções) efectuados este ano foram realizados através da Internet, com o auxílio de email e Messenger.

Foram realizadas mais algumas entrevistas que decidi não considerar, em virtude de não corresponderem a jovens de nenhum dos grupos alvo ou por as respostas não me parecerem minimamente sérias ou interessantes.

Antes de prosseguir gostava de referir que considero a minha investigação junto dos jovens – o meu trabalho de campo – pouco mais que exploratória. O meu sentimento final é de que tenho agora mais perguntas que respostas.

Mas este é um trabalho que, creio, merece e deve ser feito, de forma sistemática, numa amostragem mais alargada e científica. Gostaria de pensar que o meu trabalho, apesar de incipiente, abriu caminho para essa investigação mais séria.

ALGUMAS QUESTÕES ÉTICAS

Ao longo do trabalho de campo e na transposição para o papel procurei ter em conta as questões levantadas pela ética, nomeadamente no respeito pela privacidade dos jovens inquiridos. Também todos os jovens, com uma excepção do primeiro grupo, eram maiores de idade e a excepção tinha 17 anos, tendo feito 18 pouco tempo após o primeiro inquérito. Para o grupo de jovens alunos da Escola Bartolomeu de Gusmão foi entregue uma carta destinada à direcção da Escola e aos encarregados de educação assinada pelo responsável de Departamento de Antropologia do ISCTE, informando os objectivos gerais do estudo e solicitando autorização para a sua realização. Todo o trabalho teve o conhecimento e colaboração (simpática e entusiasmada) da direcção da Escola e da Directora de Turma, com excepção para os últimos inquéritos online, realizados já este ano.

O trabalho escrito procurou sempre respeitar a intimidade e privacidade e as informações pessoais dos jovens e os dados estão – no que não é relevante - deliberadamente alterados para impedir algum aproveitamento.

2. REDES SOCIAIS, COMUNIDADES E INTERNET

O meu trabalho debruça-se sobre Redes Sociais e Comunidades sobre a Internet. Creio vale a pena começar por fazer um pouco da História da Internet.

a. A Internet

A Internet nasceu nos Estados Unidos nos anos 60 em plena guerra fria, com o propósito de contrariar a possibilidade de os Estados Unidos ficarem sem defesa perante um hipotético ataque soviético ao Pentágono, o centro nevrálgico da defesa dos EUA: com uma rede descentralizada, as bases de dados não seriam destruídas e o exército americano não seria decapitado, podendo continuar a guerra. A rede criada deu pelo nome de Arpanet e foi o embrião da Internet, tal como ela existe hoje.

Passada a guerra fria, algumas universidades mostraram interesse pelo conceito, tendo passado a utilizar a rede militar que cedo se mostrou insuficiente dado o crescimento exponencial de utilizadores. Mas para que a rede crescesse, já não apenas entre militares mas entre universitários e gente comum, e claro, entre computadores diferentes, redes de tipo diferente e com sistemas operativos e linguagens diferentes, tornou-se necessário estabelecer um protocolo que ainda hoje é utilizado. Esse protocolo, ou melhor, conjunto de protocolos, dá pelo nome de TCP-IP que quer dizer Transmission Control Protocol - Internet Protocol. O TCP-IP define tarefas e formas de comunicação, como por exemplo a transmissão por pacotes de comprimento definido, que permite que uma mesma informação seja partida se necessário em pacotes e enviada para o destino – um endereço IP - através de servidores de acordo com regras de optimização. Com o tempo foi necessário aperfeiçoar o sistema, mas a filosofia do protocolo TCP-IP resistiu ao tempo.

Outras inovações nos anos 80 permitiram a explosão da popularidade da Internet para além dos meios militares e universitários como a World Wide Web (WWW), o HyperText Markup Language (HTML) - linguagem utilizada para produzir páginas na Web - e o navegador, explorador ou browser. O WWW, ou plataforma universal de utilizadores, autoriza que qualquer indivíduo salte entre páginas – hiperligações - construídas com o HTML. Através de um browser (Internet Explorer, Firefox...) e

alguns instrumentos relativamente simples, passou a ser possível a qualquer utilizador navegar dentro da Internet, de página para página, ou construir a sua própria página.

A construção de páginas Web disparou no entanto a partir do final dos anos 90 com o aparecimento dos blogs (acrónimo de web log) que são basicamente sites (sítios) Internet de estrutura pré-definida, que qualquer leigo em linguagens de programação pode construir em apenas alguns minutos. O motor de busca de blogs Technorati⁴ encontrou em 2007 qualquer coisa como 112 milhões de blogs, o que é provavelmente uma contagem por defeito. O blog tornou-se uma das formas privilegiadas de expressão de comentadores políticos, jornalistas e intelectuais de toda a sorte, mas também espaços de expressão de associações recreativas, coleccionistas, agrupamentos e associações culturais ou de interesses. Alguns fenómenos de popularidade chamaram a atenção da análise social, mas será talvez de observar que menos de 1% do universo dos bloguista concentra 99% da atenção pública e não será de provavelmente desajustado observar que a razão da excessiva importância atribuída aos blogs se deverá ao facto de os seus autores serem eles os mesmos intelectuais, políticos, jornalistas, académicos...

Mas talvez que a mais poderosa forma de comunicação internet tenha sido desde o início o correio electrónico, email ou e-mail, com uma decisiva fatia da responsabilidade na popularidade da Internet. O e-mail que permitiu enviar mensagens, numa primeira fase apenas texto, mas pouco depois todo o tipo de documentos escritos, sonoros, imagens ou filmes, directamente ou como anexos. De tal forma que o número de mensagens a circular se situa na casa dos biliões por segundo! A capacidade de comunicar de forma barata e rápida, associada à possibilidade de enviar documentos de qualquer tipo, tornou o email imprescindível para as empresas, e contribuiu decisivamente para a aproximação dos indivíduos. O email tornou-se mesmo a forma de comunicação privilegiada, concorrendo com o telefone, e relegando os serviços do correio tradicional para segundo plano. Para os indivíduos particulares, instituições ou empresas, de igual forma como entretenimento, instrumento de estudo ou trabalho, o email tornou-se parte do quotidiano.

Algumas formas de comunicação instantânea rudimentar entre utilizadores de uma mesma rede inspiraram a criação de programas como o ICQ e mais tarde o Messenger,

⁴ <http://technorati.com/>

que não são mais que programas de comunicação escrita instantânea evoluídos, e que mais recentemente passaram a permitir também a comunicação áudio e vídeo ou foram integrados nos programas de correio electrónico. A Microsoft acabou por impor o standard ao oferecer o Messenger no pacote do sistema operativo dos computadores, o Windows, que está presente em 80% dos computadores a nível mundial. Curiosamente, provavelmente devido à inutilidade do ponto de vista comercial do programa, mas com o argumento de ele ser altamente permeável às redes de pedofilia, e dado que os seus utilizadores eram maioritariamente adolescentes, a Microsoft decidiu por diversas vezes descontinuí-lo, acabando por recuar devido à enorme resistência dos utilizadores. Curiosamente, a escrita permanece a forma privilegiada nestas plataformas, e em especial entre os jovens.

De forma explosiva surgiu mais recentemente a noção de Web Social, a partir destes programas de comunicação instantânea, mas se desenvolveram para redes de amizade ou conhecimentos através de plataformas como o Hi5, MySpace, o Facebook ou o mais moderno Twitter. No Facebook, no MySpace e no Hi5 é possível colocar fotografias e comunicar, sendo que o Twitter é considerado o SMS da Internet. A título de curiosidade refira-se que foi através do Twitter que algumas manifestações anti-regime foram convocadas em 2009 no Irão, obrigando o governo a desligar os servidores Internet.

O crescimento dos utilizadores Internet foi enorme também em Portugal, impulsionado até pelo Governo através de medidas que visam estimular a entrega das declarações de impostos via internet, ou mais recentemente na distribuição de várias dezenas de milhares de computadores portáteis (os célebres Magalhães) a jovens do primeiro ciclo de instrução. Estes computadores são mesmo designados de *netbooks*, devido à sua vocação para a Internet.

O aumento da largura de banda e a generalização da banda larga, a progressiva facilidade de utilização dos computadores e dos programas, a descida dos preços e a divulgação dos portáteis, os incentivos das instituições e dos Estados, aliados – e impulsionados - por uma espécie de utopia da modernidade, foram factores decisivos para o crescimento do Internet, também em Portugal.

Web 1.0, Web 2.0, Web 3.0

Uma outra das formas de contar a História da Internet - a Web de 1.0 a Web 3.0 – associa-a à contemporaneidade e ao fenómeno da globalização. Inúmeros autores atribuem à Internet a responsabilidade do processo de «encolhimento do mundo», e a verdade é que sem ela dificilmente se falaria desta marca definidora da contemporaneidade.

À Web 1.0 corresponde o seu paleolítico, desde o Arpanet, a adopção pelos meios universitários norte-americanos, o estabelecimento dos protocolos de comunicação, o email e as primeiras *chat rooms*⁵. Foi um período explosivo, em que surgiram gurus e profetas e os *web nerds*⁶ que se seguiram. A Internet estava ainda reservada a um número restrito de eleitos que procuravam estabelecer regras de comportamento, ou por outro lado as procuravam quebrar. A comunicação era fundamentalmente escrita.

A Web 2.0 explodiu com o surgimento do software *user-friendly* (amigável), os computadores capazes de ambiente gráfico e o incremento da largura de banda e as redes sem fios que ainda vivemos.

Dá-se o alargamento definitivo da Internet à generalidade dos indivíduos à escala mundial, quebrando ruidosamente a barreira entre «informáticos», «experts», «nerds», leigos e curiosos, para o que contribuiu em grande medida a vulgarização do email. A Internet passa a servir os mais diversos e insuspeitos propósitos.

Surgem os motores de busca, os programas de gestão de email e o Google, o YouTube e a Wikipedia. Também neste período se dá a expansão dos softwares de redes sociais e de comunicação instantânea, descendentes dos pioneiros MIRC e ICQ. Os sucessores do Messenger, que permanece como o mainstream do género, são os já referidos Hi5, o moderno Facebook e o Twitter. O blog é um outro produto típico da Web 2.0.

A Web 3.0 começou a desenvolver-se desde há alguns anos e está ainda por construir, pelo que qualquer definição será provisória. Mas ela resultará muito provavelmente da apetência dos Estados, instituições e empresas de conhecer o universo de utilizadores, que se pretende coincida no futuro com o universo dos indivíduos, nas suas

⁵ Salas de conversação na Internet

⁶ Especialista viciado, maníaco

características mais íntimas, desejos, capacidades e necessidades, moldando-os se necessário. Conhecer os indivíduos é importante para o Estado que pode antecipar as necessidades no orçamento da saúde, da educação, mas também as receitas fiscais possíveis. Sem pretender fazer observações orwellianas, ao Estado interessa-lhe controlar os indivíduos e os seus movimentos e moldar os seus pensamentos, até para que as elites políticas se mantenham no poder, e a Internet serve à excelência estes propósitos. Muitos expedientes facilitadores ou disponibilizados em nome da segurança colocados à disposição pelo Estado, possuem por detrás mecanismos de controlo dos movimentos, mas também dos desejos mais íntimos dos indivíduos.

Conhecer os indivíduos é importante para a própria existência das instituições e da sua razão de ser, tanto quanto é importante para as empresas o conhecimento do gosto dos indivíduos de forma a poder antecipar, ou criar, novas necessidades. O cruzamento de bases de dados, a imposição de sistemas de localização geográfica automóvel ou a identificação dos sites visitados é vital para a construção dos Estados musculados, à custa, assim o penso, das liberdades fundamentais dos indivíduos. Mas é vital também na concorrência das empresas na luta pela sua sobrevivência, mesmo se de forma menos leal (partindo do princípio que a lealdade é um valor a considerar na concorrência entre empresas). De forma insidiosa, quase invisível, a Web 3.0 desenha-se: o Estado sabe (ou quer saber) sobre nós, e as empresas antecipam os nossos desejos e sugerem-nos os produtos de que nem gostamos, bastando apenas alguns *clicks* no motor de busca.

Outros observadores consideram estar-se apenas perante o desenvolvimento natural da Internet, um concurso de sinergias, a organização mais inteligente e do conhecimento já disponível na Internet, na convergência das várias tecnologias e das bases de dados universais, que em grande medida já existem, ao serviço do indivíduo. Do ponto de vista técnico, enfim, a Web 3.0 corresponde à generalização da banda larga e do *wireless* (sem fios), e do definitivo alongamento da rede à escala mundial. A Internet não inventou a globalização; afinal a globalização «está em curso desde a aurora dos tempos» (Malcom Waters 1999, 3), mas inequivocamente contribuiu para a aproximação dos indivíduos. A linha *mainstream* da sociologia define a nova sociedade como determinada pela Internet – Sociedade em Rede (Castells 2004), muito em sintonia com uma modernista visão liberal.

Mas a divisão da Internet em períodos é artificial, e ela não é sequer aceite pela generalidade da comunidade internauta ou tão-pouco da análise sociológica. A verdade é que os produtos mais evoluídos coexistem com os mais arcaicos e do ponto de vista dos utilizadores a diversidade talvez seja mesmo a norma. Creio que podemos aceitar pacificamente que as linhas de força que estão por detrás desta divisão em Web 1, 2 e 3, residem na vontade dos Estados, das instituições e das empresas com interesses próprios na actividade internauta, e da comunidade pensante, fazendo preceder a ideologia à análise dos factos e com frequência falando de si próprios, dos seus pares e dos que os rodeiam.

b. As Redes Sociais

Redes Sociais e Comunidades Virtuais são termos comumente utilizados para designar a mesma coisa: grupos de indivíduos ligados pela Internet. Para as Ciências Sociais, no entanto, eles devem ser utilizados com algum cuidado.

As Redes Sociais não surgiram com a Internet, mas são de facto uma teorização da Antropologia, explorada a partir dos anos 50 por autores como J. A. Barnes, e decorrentes das preocupações anteriores dos funcionalistas, magnificamente descritas em 1940 por Radcliffe-Brown, num discurso publicado em língua portuguesa como **Estrutura e Função nas Sociedades Primitivas:**

«Uma relação social especial entre duas pessoas ... existe apenas como parte de uma vasta rede de relações sociais, que envolvem muitas outras pessoas, e é esta rede que considero ser o objecto das nossas investigações» (Radcliffe-Brown, 283).

De certa forma questionando-se sobre as formas clássicas da Antropologia que pareciam determinar todas as relações sociais na vida familiar das pequenas comunidades fechadas, Radcliffe-Brown notava:

«No momento presente da nossa história a rede de relações sociais está espalhada pelo mundo inteiro, sem qualquer tipo de solução absoluta de continuidade em lado nenhum... O ser humano, enquanto pessoa, é um

complexo de relacionamentos pessoais. É um cidadão de Inglaterra, marido e pai, pedreiro, membro de uma certa paróquia metodista, votante num certo círculo eleitoral, membro de um sindicato, filiado no Partido Trabalhista e assim de seguida. Reparem que cada uma destas descrições diz respeito a uma relação social ou a um lugar dentro da estrutura social.» (286-287)⁷.

Na introdução ao texto fundador dos estudos das redes sociais, **Class and Committees In a Norwegian Island Parish** (Castells 2004), o autor, J.A. Barnes avisava da dificuldade em estudar a sociedade como um todo, sequer – diferenciando sociedades simples e complexas, de acordo com a distinção corrente à altura -, escolhendo estudar alguns aspectos particulares de Bremnes, uma pequena comunidade piscatória da Noruega; nomeadamente as relações no particular sistema de classe social e na forma de associação e actividade colectiva.

A noção de Rede Social – *social network* – surgiu em Barnes a partir da constatação de que a comunidade de Bremnes, apesar das suas características relativamente fechadas, não obedecia às características do tipo ideal do *gemeinschaft* de Ferdinand Tönnies (Barnes 1987), mas era antes um intrincado de relações que não se confinavam à família, aos comités e organizações laborais e sociais clássicas; que eram determinadas e contaminadas por interesses e ambições pessoais, relações de amizade e vizinhança, e até pela ecologia local, compreendidos também os factores económicos, a indústria e as flutuações do mercado de trabalho, a par com as migrações do pescado, o aleatório da meteorologia, mas também a própria História e as relações da comunidade com o poder central e as localidades vizinhas. Barnes isolava três regiões ou *social fields*, no sistema social de Bremnes: o campo social territorial, o campo social determinado pela indústria, e um terceiro («the third social field has no units or boundaries» (Barnes 1954, 237) constituído pelas relações familiares, de amizade e conhecimento, em grande medida construídas por si mesmo:

«Every man is in touch ... with a large number of other men, differentiated into shipowners, skippers, net bosses, cooks and others, and into good and bad, and to whom he is linked in a variety of ways ... A network of this kind has no external

⁷ O próprio Barnes refere explicitamente a paternidade de Radcliffe-Brown (1987, 161-162)

boundary, nor has it any clear-cut internal divisions, for each person sees himself at the centre of a collection of friends» (Barnes 1954, 236-238).

A comunidade de Bremnes, apesar de real do ponto de vista do território, revelou-se desconcertante no estudo de Barnes. Supostamente uma comunidade territorial deveria corresponder a um teia de laços suficientemente fortes para a definir enquanto tal (comunidade). E se de facto os laços existiam, a teia de relações era bastante mais complexa, que simples relações de afinidade territorial, de vizinhança ou proximidade, e cada indivíduo era por sua vez o centro de laços de outro tipo (outros tipos) que transformavam a teia e a comunidade num intrincado multidimensional praticamente incomensurável. De certa forma, com «In reality Bremnes is not an isolated society...» (248) Barnes apenas dava conta da artificialidade do objecto de estudo do antropólogo⁸.

Uma rede social privilegia as ligações e os nódulos, que são constituídos por indivíduos ou grupos de indivíduos. E embora as redes sociais tenham sido, como atrás disse, inventadas pela Antropologia nos anos 50 descrevendo o tipo de ligações entre indivíduos, as ligações entre computadores em forma de rede e a Internet, ligando pessoas de forma não hierárquica ou dependente (embora não necessariamente democrática), pela similitude com a forma rede, popularizaram a definição de *social network*, de certa forma apropriando-se dela indevidamente. Uma rede social do tipo Internet baseia-se num estrutura física pré-existente – uma rede de computadores ligada entre si - (embora uma aldeia também o seja), mas ela aparece aos olhos dos observadores como real. A popularidade destas redes estabeleceu-se definitivamente com o surgimento de alguns produtos expressamente vocacionados para a comunicação interpessoal, o Messenger, o Hi5, o Facebook, o MySpace, mas também o universo blog e o próprio email deverão ser objecto de atenção. Mas estes produtos são diferentes e deverão ser tratados, do nosso ponto de vista, de forma diferente. Para a Antropologia Social, interessa saber como os laços na Internet são tecidos: interessa compreendê-los e descrevê-los e saber como as ligações podem ser avaliadas. E importa também observar como é que esses laços ganham consistência, como se processam as interações sociais que são afinal os processos estruturantes das redes sociais; a sua especificidade, pertinência e permanência.

⁸ Embora Barnes viesse mais tarde a redimir-se desta frase (Barnes 1987B, 178), eu creio que ela é a consequência lógica do seu pensamento.

Por definição, uma rede é constituída por nós ligados de forma estruturada. Uma rede social possui igualmente nós, ligações e estrutura, mas é obviamente muito mais complexa que qualquer rede de que retirou a analogia. A Antropologia Social observa-lhe os nós, as ligações e a estrutura, a sua densidade e persistência no tempo. Ela é constituída por elementos que podem ser simples ou complexos, elementos catalisadores (relés ou *brockers*), grupos de elementos, novas redes, ou redes de redes. As ligações são também elas de tipo diverso, não simplesmente mais ou menos fracas ou fortes, densas ou fluidas ou perenes ou fortuitas. Como elementos estruturadores podemos identificar a família, a tribo, grupo étnico ou cultura, o bairro, o clube, a religião, o trabalho, a escola, o círculo de amizades, interesses particulares, lúdicos, profissionais, académicos, etc. Alguns destes elementos podem ser identificados como determinantes ou condicionantes de comportamento social. Alguns indivíduos (mas não apenas; também outros factores como classe social, religião, ou outros associados normalmente a comunidade) podem funcionar como relés, atratores ou repulsores.

c. Comunidades

Redes Sociais e Comunidades são construções sociológicas que se diferenciam fundamentalmente no objectivo do observador, quando – como as utilizei - privilegia os indivíduos como nódulos ou (versus) a coerência dentro de um grupo de indivíduos. Mas estas duas definições estão longe de ser pacíficas: os problemas revelaram-se nos longos debates entre Barnes, Bott, Mayer e Mitchell, prolongam-se pelas traduções (*traduttore, traditore*), e foram pulverizados na generalização leiga, mas não apenas. Rede, teia, rede social, rede fechada e aberta, rede de malha aberta e rede de malha fechada, rede de malha estreita e larga, rede social total, rede social parcial, rede finita e infinita, comunidade, grupo, quase-grupo, conjunto-de-acção, sociedade, agrupamento, também clique, núcleo, facção, cadeia, são definições utilizadas pelas Ciências Sociais para significar factos sociais por vezes próximos ou instrumentos de análise. Alguns destes conceitos estão até bastante próximos e levou alguns autores, como Barnes, a esclarecer muito bem o significado de cada um dos conceitos que utilizava. Para evitar equívocos, creio que deverei fazê-lo também aqui mesmo, da forma como os utilizei.

No que nos interessa, do ponto de vista sociológico, Redes Sociais e Comunidades são instrumentos de análise. Mas eles não passam realmente de metáforas: ao considerar as ligações como uma rede ou uma teia, os observadores podem esquecer que esses objectos são (ou eram, convencionalmente) meramente bidimensionais, enquanto as ligações humanas possuem uma multidimensionalidade que nenhum objecto espacial pode representar. A figuração em estrela ou em grafos que Barnes e outros autores sugeriram parece aproximar-se da *realidade*, mas ela é ainda assim imperfeita, até porque as relações humanas não contemplam apenas indivíduos, mas também instituições e grupos de indivíduos, no tempo e no espaço, e são mais ou menos sólidas ou fluidas, mais ou menos densas ou lansas, correspondem a menores ou maiores graus de incorporação de valores sociais, são mais ou menos voluntárias ou acidentais e correspondem a menores ou maiores graus de negociação (e claro que os indivíduos também se relacionam com os objectos e o meio ambiente...). Barnes dava conta dessa dificuldade de representação: «as pessoas não formam uma cadeia simples ou uma única estrela» (Barnes 1987B, 165), sugerindo a definição de rede social total.

Rede Social define-se pela ligação, mas permite de uma forma privilegiada uma análise egocentrada que o estudo da Comunidade não autoriza. Esta minha assunção contraria Barnes explicitamente: «No meu modo de entender não podemos falar de rede egocêntrica» (167), mas creio que como instrumento de análise, nada nos impedirá de centrar a observação num indivíduo e nas suas ligações exteriores. Aliás, de outra forma não se entenderia o texto seguinte:

«As conexões da rede total são relações diádicas entre pessoas, e uma maneira óbvia de se isolar uma posição ou localidade social na rede, para um estudo detalhado, é tomar qualquer pessoa Alfa e examinar a rede a partir de seu ponto de vista.» (167).

Rede Social toma cada indivíduo como um nó dentro de uma estrutura, cruzamento de linhas onde encontramos outros indivíduos e grupos de indivíduos. Potencialmente uma rede social é infinita, já que todos os indivíduos podem ser relacionáveis, ainda que eventualmente não directamente. Apesar do carácter macro que lhe encontro, Rede Social não é sinónimo de Humanidade, já que a Humanidade é também determinada e definida pela Ecologia, pela História, pela Economia, pela Cultura, ou por acidentes.

Dentro da rede, como encontrou Barnes, cada indivíduo estabelece relacionamentos de tipo diverso, podendo associar-se em grupos mais ou menos persistentes, e Elizabeth Bott (1976) faz depender a conectividade da rede de vários factores, entre os quais o tipo de rede, familiar (que privilegia) ou outro, vínculos económicos entre os seus elementos, status social, mobilidade ou permanência dos seus membros, etc. No entanto Bott parece opor o conceito de grupos organizados a redes (o que foi discutido por Barnes), definindo comunidade como um grupo social coeso (Bott, 1976.111 e 217).

Comunidade ou grupo é um conceito restritivo, já que implica um corte nessa rede maior, reunindo indivíduos a partir de uma característica comum; grupo ou grupos de indivíduos com afinidades entre si e comportamentos comuns. Comunidade implica também um sentimento de pertença (ou de alteridade): a comunidade portuguesa é definida a partir do território, da língua, da história e da cultura, quer dizer, não exactamente os indivíduos, mas essas características –o que lhes é comum - que respeitam à etimologia da palavra comunidade ⁹.

O conceito de quase-grupo de Adrian C. Mayer deriva tanto do conceito de Comunidade quanto da noção de rede social de Barnes e pode dividir-se em duas categorias: uma primeira a que chama de quase-grupos classificatórios, grupos potenciais ou grupos de interesses (interesses ou condutas comuns que em algum momento poderiam levá-los a formar grupos definitivos) (Mayer 1987, 127), e os quase-grupos interactivos, centrados em um ego, diferentes dos grupos «onde a organização pode ser difusa» (128). Podemos observar que este segundo tipo de associação pode ser facilmente tomada como uma comunidade, a partir do momento em que se estabeleça uma estrutura suficientemente sólida para poder despoletar acções de grupo. Mesmo se Mayer considera que as interacções nesta categoria ocorre num conjunto-de-acção ou numa série de conjuntos-de-acção. Mayer esquiva-se deliberadamente à utilização da palavra comunidade, cuja definição apenas parece sugerir pela negativa no final do texto: «sugiro que os conceitos de conjunto de acção e quase-grupo possam ser aplicados a qualquer situação em que atuam grupos não-organizados» (152). Grupos organizados serão uma definição possível de comunidade, mas importará reter de Mayer a informalidade e a relativa pouca persistência nas associações do tipo quase-grupo. Mesmo se os identifica por

⁹ Barnes *versus* Bott (Barnes 1987B).

vezes próximo na esfera do parentesco ou na associação política que a antropologia clássica não hesitaria em reivindicar para o estudo das comunidades.

Creio que a forma como Barnes e Meyer recusam a utilização da palavra comunidade, se refere ao que foi a grande aquisição de Barnes ao compreender que nenhum indivíduo estava sujeito a uma única influência, mas está no centro de uma teia de relações, sendo por elas influenciado e influenciando. Estas relações são de vários tipos, também de grupo, também de classe, mas não são exclusivas, e contrariavam a visão determinista de Durkheim. A aquisição de Barnes mudou o mundo da Antropologia. Mas creio que é possível utilizar o termo comunidade sem a concepção tribal ou familiar exclusiva e determinista no comportamento que lhe era oferecido tradicionalmente. Aliás a forma como Barnes utiliza os *social fields* está bem próximo do que Bott utiliza como comunidades; e é claro que Barnes tem razão, pelo menos ao não reduzir o indivíduo ao lugar que ele ocupa na família (ou na comunidade piscatória Bremnes).

Barnes utiliza amiúde a designação sociedade de Bremnes ao invés de comunidade de Bremnes, equiparando-a a rede social total. Esta definição apenas surgirá desenvolvida mais tarde (Barnes 1987B): Barnes esclarece que os cortes que realizou ao dividir a rede social total em três campos – o sistema territorial, o sistema industrial e um terceiro sistema sem nome definido como a «rede de laços sociais entre pares de pessoas, que se origina a partir de considerações de parentesco, amizade e reciprocidade» -, o seu objectivo era o de «discriminar entre aquelas relações que estão incluídas nas estruturas delimitadas de grupos ou categorias institucionalizadas – tais como a aldeia, a paróquia ... - e as relações que derivam da teia continuamente ramificada do parentesco cognático, da afinidade e da amizade» (184-185). Barnes definiu estes campos (unidades de análise) como redes parciais, e distinguiu uma subcategoria no terceiro campo, a rede de classes que, refere Barnes, Mayer distinguiu como conjunto classificatório.

Creio que este assunto – a relação entre os dois primeiros grupos e o terceiro onde se inclui os laços sociais e a classe social - não está suficientemente esmiuçado, e a forma como Barnes utiliza a classe social, como uma subcategoria de uma rede social parcial, não é satisfatório. Para utilizar a metáfora das redes, eu penso que mais apropriadamente se devem considerar os indivíduos como os nódulos da rede, enquanto,

de forma diferente, religião, família, clube, relações de amizade ou enfim classe social, correspondem às ligações, ao tipo de ligações, à sua intensidade, e à sua qualidade. E a metáfora ficará por aqui, pela complexidade das redes sociais que não tem paralelo com nenhum outro tipo de rede ou teia, eléctrica, telefónica, tecida ou ardida por animais ou mesmo homens.

d. Comunidades Imaginadas

«De facto, todas as comunidades maiores do que as aldeias primordiais onde havia contacto cara a cara (e talvez mesmo estas) são imaginadas.» e «As comunidades deverão ser distinguidas, não pelo seu carácter falso/ genuíno, mas pelo modo como são imaginadas.» (Anderson 1991, 26). As duas frases de **Comunidades Imaginadas** (que tem como subtítulo Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo) possuem algo de contraditório já que se a primeira parece considerar a hipótese de existência de comunidades reais, fazendo depender da sua dimensão e do conhecimento dos seus membros, a segunda faz deslocar o(s) elemento(s) comum(comuns) que define(m) a comunidade (a proximidade e eventualmente o território ou a Internet ou outro) para o modo como é imaginada.

Wilson e Peterson esclarecem, referindo-se a Anderson: «The idea that a community was defined by face-to-face interaction was effectively challenged long ago by scholars of the development of nationalism» (Wilson e Peterson 2002, 456), mas eu creio que Benedict Anderson estabeleceu alguma confusão ao alargar o conceito de comunidade até ao infinito, tomando como exemplos a comunidade de leitores de jornais que não se conhecem entre si, ou os personagens de uma história de ficção que jamais se chegam a encontrar. Luís Buñuel em **Belle de Jour** ou de forma talvez mais acesa Alejandro Iñárritu em **Babel** parecem ter-se inspirado em Benedict Anderson! Como exercício teórico até poderemos considerar pertinente este alargamento, mas creio que do ponto de vista da Antropologia ele é inútil.

A meu ver a Antropologia deve diferenciar as comunidades não apenas pela forma como são imaginadas, mas por quem as imagina, e ainda pela sua persistência. Porque há toda uma diferença entre uma comunidade nação, ou religião, ou clube, ou família,

onde os observadores se afirmam eles próprios – membros ou não-membros de uma dada comunidade, e os actores de qualquer dos filmes que citei, cuja afinidade se encontra apenas na cabeça do realizador, que só assim a transmite ao espectador¹⁰. Da mesma forma como importa considerar a persistência no tempo, de uma comunidade. Porque a comunidade dos indivíduos que apanham o autocarro 713 entre Campolide e as Amoreiras às 7 horas da manhã (ou os do baile da história que Anderson conta) não possui as mesmas características de pertença e persistência dos sócios do Benfica:

«This debate explored whether these sorts of community are too ephemeral to investigate as communities per se, or whether the nature of the communication medium made them somehow quite different from the face-to-face groupings traditionally thought of as communities.» (Wilson e Peterson 2002, 456).

Nos limites, é possível que um dado observador creia pertencer a uma dada comunidade que simplesmente não existe. E ainda que possa ser interessante observar o comportamento social do indivíduo nessa comunidade imaginada (imaginária), o antropólogo deverá ter consciência do carácter fictício da comunidade. Por outro lado não creio que a Antropologia deva retirar do estudo de Anderson que todas as comunidades são imaginadas (Ribeiro 1995 e 1996) nem tão-pouco se possa associar de forma leviana o virtual ao imaginado. As abstracções construídas sobre abstracções podem levar com facilidade à construção da ficção da realidade, esvaziando a Antropologia do mais nobre da sua essência, que é exactamente a elaboração a partir da observação etnográfica.

O conceito (de comunidade imaginada) permitiu a Anderson demonstrar como é que as comunidades (das nações) efectivamente reais puderam ser construídas, resolvendo paradoxos históricos, oferecendo às Ciências Sociais um instrumento de análise precioso. Quer dizer, as comunidades realmente existem por serem imaginadas, mas o conceito de Comunidade pode ser afinal também um instrumento de análise das Ciências Sociais. A Antropologia pode e deve utilizá-lo se entender como uma perspectiva de compreender os indivíduos e a forma como se relacionam:

¹⁰ Esta é a Arte do contista, como ele é capaz de encontrar coerência num amontoado de dados dispersos e de os reunir e expor de forma convincente.

«Individuals belong to many communities, bounded to different extents and in varying ways» e we simply acknowledge that individuals within any community are simultaneously part of other interacting communities, societies, or cultures.» (Wilson e Peterson 2002, 455).

De outra forma, estes autores reconhecem a mesma multidimensionalidade do indivíduo que Barnes tinha encontrado (Barnes 1954, 236), mas Barnes partia do indivíduo enquanto Wilson e Peterson olham a forma como ele se liga. São os nós e as ligações.

e. Comunidades Virtuais

O termo Comunidades Virtuais surgiu nos anos 90 a partir de Howard Rheingold em **The Virtual Community** que a associava às comunidades internet, e foram desenvolvidas um pouco por todo o lado: a ideia de pertença a um território virtual parecia demasiado aliciante e consistente para ganhar adeptos dentro da Sociologia como dentro do público. À partida, uma mesma nova forma de comunicar onde os limites não eram visíveis, e que geraram o termo de Aldeia Global onde toda a Humanidade estava ligada no éter, mas também mais pequenas comunidades de interesses, valores ou afinidades.

Virtual pode ser definido em oposição ao real físico na forma como é apreendido pelos sentidos ou, melhor dizendo, a simulação da realidade (na forma como é apreendida pelos sentidos); mas Rheingold apoderou-se do termo para designar a realidade construída na Internet como uma espécie de dimensão alternativa.

O conceito de Comunidade Virtual, definida pelos indivíduos utilizadores da Internet, popularizou-se também na Sociologia e na vulgata; mas notemos que tanto este, como o conceito de Rede Social, entraram no léxico popular com significados diferentes ou semelhantes, de acordo com as ocasiões: a «comunidade» de utilizadores do Facebook popularizou-se como rede social.

Castells aponta o carácter romântico do «novo tipo de comunidade» de Rheingold:

«... que reuniria as pessoas online em redor de uma série de valores e interesses partilhados, criando laços de apoio e amizade que poderiam por sua vez

estender-se à interação cara a cara. A promessa era a sociabilidade ilimitada» (Castells 2004, 148),

fazendo notar como a transformação da sociedade que fragiliza as estruturas sociais, aumentando as possibilidades de que o individualismo em rede se converta na forma de sociabilidade predominante» (163). A Internet estaria a ajudar a redefinir as relações familiares e as formas de sociabilidade, que se constituiriam em torno de interesses específicos. As comunidades estariam a tornar-se transitórias, frágeis, flexíveis, de interesses (Castells 2004, Cap. 4).

A concepção de comunidade de Castells é bastante contrária à de Benedict Anderson. Ele considera o modelo territorial esvaído:

«... baseando-me nos meus estudos sobre comunidades populares urbanas na América Latina, assim como em estudos semelhantes de outros investigadores, posso afirmar que a proximidade geográfica perdeu a sua proeminência na constituição das relações sociais em muitas destas zonas urbanas há, pelo menos, 25 anos ...» (156).

A sociedade em rede, como define a sociedade contemporânea, dever-se-ia em grande medida à explosão da Internet, transformando as relações sociais: «Mas o papel mais importante da Internet na reestruturação das relações sociais é a sua contribuição para o novo modelo da sociedade, baseado no individualismo.» (161). Não apenas a Internet. Noutro estudo, **Comunicación Móvil y Sociedad**, Castells e outros estendem a influência na sociedade das comunicações móveis em geral, a tecnologia e a modernidade que caracterizam a sociedade em rede. De facto, Castells, como Anthony Giddens, associa a Internet à globalização, e a sociedade em rede não seria mais que um produto dessa globalização.

Sem questionar Castells, é evidente para mim que as comunicações móveis e a globalização marcam a sociedade contemporânea, mas eu creio que a sociedade em rede que caracteriza o nosso tempo e o individualismo que lhe está associado (Castells et al 2006, 205) não contempla a observação dos fenómenos do recrudescimento das religiões, das convulsões sociais, os gangs juvenis urbanos, os clubismos desportivos, o nascimento de novas nações, o etnocentrismo e o racismo, etc.. Sem valores, sem ideologias, sem classes sociais, sem religiões, sem comunidades, na sociedade em rede

os indivíduos seriam incapazes de comportamentos sociais. Creio que haverá bastante de simplificação ideológica na análise de Castells. A sociologia da globalização de Giddens e a nova política modernista de Tony Blair não andarão apartados desta lógica.

Por outro lado o estudo das comunidades virtuais como separadas do mundo real, parece cada vez mais ficção inútil para a Antropologia:

«Our view, and one that seems most consonant with current anthropological theory and practice, is that the distinction of real and imagined or virtual community is not a useful one, and that an anthropological approach is well suited to investigate the continuum of communities, identities, and networks that exist—from the most cohesive to the most diffuse—regardless of the ways in which community members interact... as Agre ... notes, “so long as we focus on the limited areas of the internet where people engage in fantasy play that is intentionally disconnected from their real-world identities, we miss how social and professional identities are continuous across several media, and how people use those several media to develop their identities in ways that carry over to other settings” (Wilson e Peterson 2002, 457).

As comunidades virtuais existem a partir do momento em que são imaginadas, e as redes sociais (refiro-me às redes sociais virtuais e não às redes sociais tais como foram definidas pela Antropologia) mais não são que comunidades imaginadas sobre uma plataforma comum, no cruzamento da realidade física (computadores e indivíduos por detrás deles). Quero dizer, se os membros destas redes sociais comungam de um mesmo sentimento de pertença (à tal rede ou comunidade na Internet), os seus pontos de contacto são (quase sempre, enfim) preferencialmente os contactos retirados do seu universo de relações e interesses, que pouco terão com frequência a ver com a Internet. A Internet corresponde com frequência a uma forma oportunista (utilitária) de comunicação, pelas potencialidades que permite, não apenas de comunicação, mas de negociação em termos de construção ou manutenção do capital social.

Este tipo de comunidades (virtuais, net) será obviamente diferente das comunidades territoriais tradicionais, mas não deixará de ser notável como as relações que são por ela, ou assim, estabelecidas, ou mantidas, servem para fortalecer os laços sociais nos grupos e comunidades mais tradicionais. A forma como as famílias recuperam laços

distantes (através da Internet), ou como os jovens negociam o seu lugar (com o auxílio da Internet) nos seus grupos sociais (ou quase-grupos), está no vórtice da Antropologia.

3. O TRABALHO DE CAMPO

Os dois grupos de jovens que escolhi para o trabalho de campo possuem algumas características comuns e algumas diferenças. Em primeiro lugar são jovens, embora de diferentes: um primeiro grupo (Grupo 1¹¹) com idades médias de 18 anos - o grupo dos amigos dos Ego 1 e Ego 2 -, e um segundo grupo (Grupo 2¹²) com idades médias de 16 anos, estudantes do 10.º ano da mesma turma do Agrupamento de Escolas Bartolomeu de Gusmão.

Como é observável nos Mapas 1 e 2, a distribuição de género no segundo grupo está algo desequilibrada – 10 indivíduos do sexo masculino e 3 do sexo feminino, embora eu não creia poder tirar ilações a partir daí, dado que as entrevistas na Escola, onde existe o desequilíbrio, foram sequenciais.

Do ponto de vista da classe social, o primeiro grupo faz parte da genericamente considerada classe média portuguesa, enquanto o segundo pertencerá talvez à classe média-baixa¹³, mas é realmente bastante mais heterogéneo: a escola situa-se em Campo de Ourique¹⁴, mas possui uma área de influência alargada a bairros de classes baixas, e como me foi transmitido, com muitos pais desempregados, e outros da classe média. De notar que a escola secundária de referência de Campo de Ourique é a Escola Secundária Pedro Nunes, para onde todos os jovens querem entrar, e estoura é a resultante da antiga escola profissionalizante Josefa d'Óbidos e da Escola Preparatória Bartolomeu de Gusmão. Para ela vão por norma os jovens que não conseguem entrar no Pedro Nunes. Não creio que do ponto de vista pedagógico o Pedro Nunes seja melhor que a Bartolomeu de Gusmão, talvez mesmo pelo contrário. Mas o Pedro Nunes ganha claramente em termos de classe social, sendo comuns os apelidos estrangeiros ou associados a classes sociais mais elevadas. O Agrupamento de Escolas Bartolomeu de Gusmão é muito recente – reunindo escolas do primeiro, segundo e terceiro ciclo, e a escola está ainda a sofrer obras estruturais profundas. Três dos jovens entrevistados do

¹¹ Mapas 1, 3 e 5

¹² Mapas 2, 4 e 6

¹³ Utilizarei sem grandes preocupações teóricas um conceito de classe social que andarás mais perto de Weber que de Marx, quero dizer, os indivíduos não são classificados do ponto de vista económico ou do lugar que ocupam na produção, mas do seu status, efectivo ou almejado, compreendendo que estes jovens não completaram a sua formação como adultos, e dependem ainda dos pais para sobreviver.

¹⁴ Um dos bairros socialmente mais conceituados da cidade.

Grupo 1, bem como os dois Ego 1 e 2, estudaram no Pedro Nunes, um outro numa escola particular e os outros não vivem na zona.

a. A Primeira Ronda de Entrevistas - Grupo 1.

As entrevistas tiveram como alvo, num primeiro momento, o grupo constituído pelos amigos pessoais dos Ego 1 e Ego 2, e ainda antes de ter tido a oportunidade de entrevistar os jovens da Bartolomeu de Gusmão. O objectivo era observar e compreender como é que um grupo de jovens que possui uma afinidade – alguns elementos comuns - se relaciona entre si através da Internet. De que forma a Internet é determinante no estabelecimento das relações, se a comunidade (virtual) se estabelece a partir dela e como é que a rede social dos jovens se constitui. Tratava-se à partida de uma rede egocentrada em dois egos, mas dada a relação próxima entre os dois, o facto não me pareceu relevante. Como atrás referi, excluí numa primeira fase de investigação, por razões de proximidade excessiva, os Egos 1 e 2.

As três primeiras entrevistas (Setembro a Outubro de 2008) foram de certa forma desconcertantes e obrigaram-me a inflectir o sentido da pesquisa. Ao mesmo tempo que prosseguiria as entrevistas a este grupo, entre Fevereiro e Maio de 2009, pude fazer algumas segundas entrevistas. Neste período iniciaria também as entrevistas ao segundo grupo, conforme descreverei mais adiante.

A minha surpresa nas primeiras entrevistas decorreu em primeiro lugar do uso da Internet: todos os jovens eram utilizadores frequentes da Internet e muito em especial dos produtos do tipo rede social, mas a Internet era definitivamente tão ou tão pouco importante para eles quanto o telefone nas relações sociais. Nenhum deles era propriamente um entendedor da tecnologia, mesmo se alguns deles o pretendessem ser, mas a carga de modernidade que a Internet possuía, isso sim, era para eles relevante.

Todas as primeiras entrevistas procuraram em primeiro lugar caracterizar sumariamente os jovens do ponto de vista social, mas também apreender os seus hábitos, em especial na Internet, e na forma como eles se interligavam com a sua vida social.

Como atrás disse, três jovens deste grupo declararam que pelo menos um dos pais possuía formação superior e dois tinham irmãos estudantes universitários ou com formação superior.

Dois dos jovens responderam residir em Campo de Ourique e um terceiro hesitou na informação. Na constituição do agregado familiar não consegui esclarecer se este último jovem tinha os pais separados ou qual a razão de não viver com eles.

As profissões dos pais variavam entre profissões liberais, técnicos, educadores de infância e um militar. Não procurei esclarecer, mas creio que os jovens nem sempre foram sinceros na informação, dourando a profissão dos pais.

Apesar de confessarem ocupar bastante tempo na Internet, a descrição que estes primeiros entrevistados fazem da sua actividade na net é a de simples interacção social. Tão clara quanto a realizada por telefone ou pessoalmente. Aliás, estes cinco meios – net escrita e visual, telefone de voz e mensagem e cara-a-cara -, formas de interacção e socialização como são entendidos, são utilizados indiferenciadamente e de forma sistemática: acontece-lhes naturalmente dar um toque¹⁵ ou enviar uma mensagem (nas mensagens não pagas), entrar na Internet, de preferência no Messenger, passar para o telefone se fosse necessário e combinar um encontro para o fim da tarde. Nenhum sinal de isolamento e, pelo contrário, uma forma de aproximação no meio de outras, como denota uma prática comum de deixar o computador ligado todo o dia no Messenger e de vez em quando ir lá ver quem entrou.

De referir que a rede social de cada um destes jovens na Internet não coincide em nada com esta espécie de comunidade (por mim) imaginada. Os Ego 1 e Ego 2 estão de facto entre os eleitos no Messenger ou no Facebook de cada um dos entrevistados, mas ao lado de inúmeros outros. Cada um destes jovens irradia ligações como uma estrela fulgente, mas as ligações são mesmo elas de tipo e densidade diferente. Entre os amigos¹⁶ figuram os namorados e os confidentes privilegiados, mas também alguns membros da família e outros que não fazem parte do grupo social comum.

¹⁵ Ligar e desligar logo de seguida, como forma pré-combinada de comunicação.

¹⁶ Amigos no Messenger ou Facebook são os indivíduos a que cada um dos utilizadores aceita incluir na lista de contactos.

Notei também que nem todos os amigos que figuram numa plataforma se encontravam na outra e que o Hi5 está a entrar em desuso. Quando questionados sobre isso, as respostas surgiram algo evasivas, associando o Hi5 aos mais jovens ou declarando-o fora de moda. Nenhum deles utiliza o Twitter, e o Facebook está em franco crescimento. Os jovens colocam no Facebook preferencialmente fotos de férias em locais mais ou exóticos ou considerados socialmente, algumas fotos ao lado de celebridades nacionais, em discotecas ou na praia, com amigos, mas também fotos de família, baptizados de sobrinhos, casamentos, etc.

Apenas um deles, o estudante de audiovisuais, utiliza regularmente o Skype para falar com um amigo a estudar nos EUA, mas o meio de comunicação preferencial na internet é o teclado.

Nenhum dos jovens utiliza o email com frequência, possuindo normalmente dois endereços: um no Hotmail, obrigatório para o Messenger, e um outro, no Gmail. Mas dois dos jovens apenas têm endereço no Hotmail e de forma nenhuma eles utilizam o email para passar anedotas ou correntes. A maior utilização do email destina-se à transferência entre eles de músicas ou fotos, embora o Messenger persista o meio mais usado para este efeito. O YouTube é o programa mais empregado para sacar (extrair da Internet) músicas da Internet, mas três deles usam outros programas mais sofisticados para o efeito.

Todos os jovens deste grupo possuem telemóveis, mas apenas um de terceira geração. Cinco possuem também leitores de MP3. A prática de sacar músicas da Internet (para utilizar os seus próprios termos) é comum a todos. Alguns dos jovens limitam-se a receber e a passar as músicas através do Messenger ou do email – a forma preferencial das raparigas -, enquanto outros utilizam ferramentas que envolvem algum conhecimento e complexidade.

Não descobri entre eles viciados em jogos e alguns possuem consolas para jogar, o que por vezes fazem mesmo em família.

Nenhum jovem deste primeiro grupo admitiu falar com estranhos na Internet. Numa segunda volta de entrevistas, e colocadas as questões de outra forma, o estudante de audiovisuais reconheceu falar com desconhecidos em dois tipos de sites e blogs que frequentava, de cinema e desporto, onde colocava amiúde posts em diálogo com outros

indivíduos. Um site temático sobre cinema organizou um encontro onde ele esteve: a definição de desconhecidos aparentemente não se aplica a pessoas com quem dialoga sobre assuntos de interesse comum.

Pareceu-me encontrar algumas diferenças em termos de género na utilização da Internet: uma das jovens declarou ser uma fraca utilizadora e uma segunda preferia significativamente comunicar por telemóvel. Mas a amostragem – seis indivíduos - é relativamente curta para denunciar um comportamento tipo.

Nenhum destes jovens utiliza um *nickname*¹⁷ digno de nota, com pequenas variações entre o Messenger e o Facebook. Os nomes são quase sempre apenas os nomes próprios, um dos jovens apresentava-se com um diminutivo familiar e dois casos incluem os apelidos de família. Apesar de menos extravagantes que os do segundo grupo, ou exactamente por isso mesmo, é possível considerar estes últimos três casos significantes de status social.

Quase todos possuem frases status¹⁸ (no Messenger) que mudam com regularidade: um deles tem o nome de uma localidade com significado familiar, um outro coloca o nome de uma música que lhe agrada ou um filme que acabou de ver, um terceiro um diminutivo que o sobrinho lhe chama, a delegada de turma coloca letras de músicas ou recados para os grupos que coordena, ou amigos, uma outra tem o nome da melhor amiga e um último não utiliza este campo.

O tipo normal de escrita no Messenger, mais do que codificada, é simplificada, e alguns dos *emoticons* ou símbolos do tipo *lol*¹⁹ são bastante vulgares. Interrogados especificamente sobre o assunto, todos responderam já escrever normalmente, mas a realidade confirmou-se um pouco diferente. A forma de escrita na Internet é bastante próxima das mensagens instantâneas do telemóvel. Creio que poderá ser considerado uma influência do telemóvel sobre a escrita net, ou talvez antes uma influência mútua. De qualquer forma, anote-se a rejeição da forma de escrita mais infantil, como a classificaram.

¹⁷Pseudónimo ou alcunha com que se apresenta em substituição do nome.

¹⁸ Frase que se pode escrever no Messenger, prolongamento do *nickname* e informador do estado de espírito.

¹⁹ Acrónimo de «laughing out loud», vulgarizado na Internet a par de inúmeros outros. Lol é também utilizado na linguagem de mensagens telemóvel.

Ao longo das entrevistas que haveria de fazer a este grupo, observei que vários possuem blogs, mas apenas dois os mantêm com alguma assiduidade. Todos os outros tinham sido incentivados por professores a construí-los como proposta de trabalho, mas declararam não ter assunto para os alimentar.

Um dos possuidores de blogs activo, o estudante de audiovisuais que é o mais velho dos entrevistados; com 20 anos, coloca pequenos filmes que ele mesmo realizou, mas também *trailers*, fotos relativas ao tema cinema, informação e opinião, sempre bastante gráfica.

Um outro bloguista do Grupo 1, estudante de artes, alternava entre fotos de objectos artísticos comentados, poemas ou excertos de poemas alheios e alguma produção escrita própria.

Nesta primeira ronda, apenas o estudante de audiovisuais se declarou um internauta, enquanto os outros dois se limitavam a interesses mais funcionais: a Wikipedia para os estudos e o YouTube para a música.

Todos reconhecem o uso frequente da Internet e em especial da Wikipedia nos estudos, mas de forma diferente e nem todos numa primeira abordagem.

A distribuição de música também se revelou generalizada, tanto passada através do Messenger como importada directamente, gratuita ou pirateada. O Youtube é bastante popular, seja para ver e copiar músicas, como para ver vídeos de toda a espécie.

O número de amigos nas redes sociais Messenger e Facebook varia muito, situando-se, com uma excepção, na ordem das centenas. Com duas excepções também, os amigos privilegiados baixam para um décimo. As excepções são uma delegada de turma na faculdade, também coordenadora de um grupo de jovens católicos, que alegadamente contacta diariamente com centenas de jovens; e a jovem que menos utiliza a internet no grupo, que quase apenas possui os contactos diários entre os amigos do Messenger.

O número de contactos também varia entre as duas plataformas referidas, sendo maior no Messenger.

O que também não funcionou na minha estratégia inicial foi a constituição de rede social ou comunidade: a tentativa de eleger indivíduos como o centro de uma rede -

onde o epicentro se deslocava a todo o momento - revelou-se por demais artificial. Fazer sobrepôr a uma rede social excessivamente fluida uma comunidade (virtual – net) que não se reconhecia como tal, fez-me muito rapidamente repensar a estratégia e os objectivos.

b. A Primeira Ronda de Entrevistas - Grupo 2.

Ao mesmo tempo que alargava os inquéritos no primeiro grupo, iniciei as entrevistas aos estudantes da Bartolomeu de Gusmão (Fevereiro a Junho de 2009). Este segundo grupo possuía à partida uma estrutura física – uma unidade espacial - que o grupo 1 não possuía: eram todos alunos de uma mesma turma da mesma escola. A escolha dos entrevistados foi relativamente aleatória, quase sequencial, negociada entre mim e a Directora da Turma e previamente também negociada entre mim e o Presidente do Conselho Executivo da Escola que, refira-se, acolheu da melhor forma o meu pedido. Não se tratava de um grupo egocentrado: eu procurava uma comunidade mas, como veremos à frente, nem por isso pude observar uma coerência interna que o fizesse tomar a forma de um grupo coeso.

Com alguma experiência anterior, eu procurei que as entrevistas me fornecessem informação, não apenas dos jovens enquanto utilizadores da Internet, mas também da sua vida pessoal, classe social, família, e outros; dados que procurava cruzar, com o fim de despistar informação errónea.

Como atrás referi, estes jovens possuem características bastante heterogéneas a vários níveis, a começar pela idade: alguns deles tinham ainda 15 anos quando começaram as entrevistas, mas um deles tinha já completado os 19 anos e um outro tinha 17. Creio que as diferenças na construção da personalidade são assinaláveis entre os 15 e os 19 anos: a idade legal acaba por marcar simbolicamente a passagem do estatuto de adolescente para adulto, mesmo se isso não corresponde à maturidade do indivíduo: menor – maior, escolaridade obrigatória – idade de trabalho, etc.. Três alunos são repetentes do 10.º ano.

O Grupo 2 não possui homogeneidade interna que autorize a sua classificação social. A diversidade na idade prolonga-se também pela profissão dos pais, pela sua formação

académica e pelas perspectivas de futuro. Ainda assim, apenas dois dos entrevistados declararam ter pais com formação superior e dois outros estudam e, no tocante à profissão dois são comerciantes, uma é empresária, dois são vendedores, dois professores, dois técnicos superiores, um polícia, um vendedor imobiliário, um é jornalista desportivo, três são empregados de escritório, um funcionário público, um carteiro, dois empregados de balcão, uma empregada de mesa, uma educadora de infância, uma técnica de hotelaria, um distribuidor de jornais e um está desempregado.

Ao contrário dos jovens do primeiro grupo que, ou são já alunos do ensino superior ou se preparam para entrar, as perspectivas e desejo da maioria neste grupo é simplesmente terminar o 12º ano obrigatório e apenas cinco me declararam ter perspectivas de prosseguir os estudos. Uma ressalva para três dos jovens do sexo masculino que declararam pretender a carreira militar: um fuzileiro, um aviador e um outro.

A zona de residência é bastante alargada, o que é explicável também pela vasta área de influência da escola, e alguns dos jovens residem mesmo bastante longe, fora de Lisboa, alternando as razões apontadas para o local de trabalho dos pais, avós com residência na zona ou a fraca qualidade das escolas da sua zona de residência.

Com um maior número de jovens, a variedade na utilização da internet cresceu também: alguns dos jovens consideram-se a si mesmos *nerds* da Internet e da informática, enquanto outros utilizam a Internet apenas para comunicar ou brincar. A variedade é realmente a regra.

Apenas dois possuíam conta no Facebook, embora reconheçam muito pouca utilização. Os programas de vídeo-chamada não são populares no grupo da Escola e alguns dos jovens nem possuem câmara de vídeo. O Messenger é de longe o programa mais utilizado por todos e o Hi5 é bastante popular, se bem que menos entre os mais velhos. O Hi5 é uma plataforma maioritariamente juvenil. Um dos jovens da Bartolomeu de Gusmão exclamou numa entrevista quando lhe perguntei se utilizava o Hi5: «eh pá! Isso é muito à frente!». Aparentemente o simples facto de eu saber da existência do Hi5 era extraordinário!

Vários jovens declararam permanecer muito tempo na Internet, coincidindo ora com os jovens cujos pais têm cuidados especiais para com os filhos e não os deixam sair de

casa, obrigando-os a permanecer em casa a estudar, ora pelo contrário têm muito pouca supervisão familiar e muito tempo disponível.

Vários rapazes eram verdadeiros entusiastas da Internet e das tecnologias, vangloriando-se do facto. O hábito de baixar músicas da Internet é comum a praticamente todos e alguns pirateiam também jogos e filmes.

As poucas raparigas que declararam jogar, escolhem sempre jogos simples do tipo Bubbles (jogo de tiro a umas bolhas que rebentam, sem grande dificuldade) ou Solitaire (jogo de cartas), enquanto os rapazes preferem jogos de estratégia, luta ou complexos simuladores.

Alguns declararam interesses específicos como carros, surf, futebol e outros desportos, jogos online, poker, simuladores ou outros, visitando preferencialmente sites e blogs especializados. Acontece com frequência nestes casos entrarem em diálogo com outros indivíduos com interesses semelhantes na Internet. Um dos jovens alimenta um blog temático sobre jogos.

Alguns jovens – todos do sexo masculino - ocupam também muito tempo com a Playstation e com frequência jogam com os pais (homens).

Quase todos possuem estranhos *nicknames* e frases status no Messenger que mudam com regularidade. Tanto os *nicknames* como os status são bastante pessoais e alguns do tipo filosófico existencial (ver Anexo 7).

Todos os jovens possuem telemóveis. Curiosamente quatro indivíduos deste grupo possui telemóvel da terceira geração, com acesso à Internet e muitos possuem leitores de MP3. A prática de sacar músicas da Internet é vulgar, com vários graus de perícia²⁰. Todas as raparigas declararam preferir o YouTube e o Messenger para transferir músicas, enquanto vários rapazes conhecem programas mais sofisticados. Os programas do tipo peer-to-peer²¹ estão relativamente disseminados, e o facto de saberem que podem estar a cometer alguma ilegalidade, apenas os excita. As músicas são importadas da Internet e copiadas para os MP3 ou telemóveis e alardeadas entre os colegas. A

²⁰ ou skills, conforme um dos mais nerds se expressou.

²¹ Ou P2P, programas que utilizam os computadores dos próprios utilizadores para disseminar músicas, filmes ou jogos.

tecnologia – o MP3 novo, telemóvel ou portátil - é necessariamente também objecto de exibição.

O YouTube foi neste grupo apenas citado para a pesquisa e download de músicas. Alguns sabem fazer downloads de filmes e/ou jogos e fazem-no com regularidade.

Nenhum dos jovens utiliza muito os programas de email e alguns apenas possuem apenas um endereço (sempre o Hotmail).

Todos estes jovens são fãs da Wikipedia, de que usam e abusam. Um deles confessou ter sido penalizado por um professor por ter transcrito da Internet um texto para um trabalho.

A forma de escrever na Internet é mais prática que codificada, ou melhor, já não o fazem premeditadamente, embora muito do que escrevem seja realmente incompreensível para os adultos. Mas todos me responderam considerar a forma encriptada de escrever mais infantil, enquanto de facto eles continuam com os vícios do *internetês* que foi adoptada (ou foi o inverso?) nas mensagens telemóvel.

O teclado persiste como a principal forma de comunicação na Internet, sobre a voz. Admito que muitos destes jovens não possuam ainda banda larga, ou não possuam banda de largura suficiente para transmitir vídeo em tempo real com um mínimo de conforto, mas ainda assim, eu creio que o teclado é o reino dos jovens.

A média do número de amigos declarados no Messenger andarás pelas largas centenas, com valores declarados entre os 50 e os 2000. Os contactos quotidianos, no entanto, baixam para entre 5 a 70. Não é preciso ser muito observador para compreender o significado destes números inflacionados em termos de capital simbólico.

Não creio que, à semelhança do primeiro grupo, se possa divisar qualquer forma de comunidade sólida tomando em conta apenas os utilizadores Internet; as redes sociais que estes jovens estabelecem são por demais alargadas e de forma nenhuma coincidem com a rede na Internet. A comunidade física que era a turma também nem sequer se conseguia emparelhar com a rede social net. Ela revelou-se sempre muito pouco homogénea e os amigos preferenciais dos jovens apenas ocasionalmente se sentavam nos bancos da sala. Voltaremos necessariamente a este assunto.

c. Segundas e Terceiras Entrevistas – Grupo 1

As segundas e terceiras entrevistas, sempre que foram possíveis, em ambos os grupos, procuravam registar as alterações no quotidiano social dos jovens, a possível alteração do seu comportamento face à Internet e registar como o seu comportamento social se integrava – ou não – na Internet, ou como a Internet se integrava no seu comportamento social. Algumas das perguntas eram repetidas do primeiro inquérito, procurando confirmar as primeiras respostas e questionar as alterações. Algumas entrevistas foram espaçadas de mais de um ano, entre Dezembro de 2008 e Maio de 2010.

Do ponto de vista social não observei alterações extraordinárias, nem seriam de esperar: o mais velho dos entrevistados tem agora namorada oficial (que já apresentou aos pais) e carro próprio (oferecido pelos pais); os dois estudantes do ensino secundário entraram para universidades do Estado; o jovem que não tinha obtido nota para entrar na faculdade estuda agora numa universidade privada; uma outra jovem mudou-se de casa dos pais para casa da avó por razões que não explicou; um jovem tirou a carta de condução e uma outra iniciou o processo.

A utilização da Internet social parece ter decrescido num caso e aumentado em três, embora nestes últimos casos de forma recentrada no Facebook: quatro dos jovens gastam uma boa parte do dia a introduzir fotos e a comentar as novidades dos amigos e dois declararam alimentar regularmente uma quinta²². O Hi5 desapareceu deste grupo e um dos rapazes declarou ter eliminado a sua conta, classificando o Hi5 de programa de cusquice e uma perda de tempo. O estudante de Audiovisuais (Grupo 1) utiliza a Internet já quase apenas para a troca de videoclips ou de músicas ou para colocar *posts* em blogs de futebol (ex: Record) ou música (ex: Blitz). Nenhum utiliza o Twitter e também nenhum se declarou aficionado dos jogos.

Notei o alargamento à família no Messenger: dois casos adicionaram tios e primos e três adicionaram também os pais entre os amigos no Facebook ou Messenger. Todos têm adicionados novos amigos e abandonados antigos. Três revelaram algum afastamento em relação aos Egos, embora mantenham a relação na Internet. Mas este grupo não

²² O célebre Farmville do Facebook, onde os «lavradores» são incentivados a cultivar uma quinta virtual com uma regularidade que os obriga a aceder ao programa várias vezes por dia.

possui de facto qualquer coerência interna – do ponto de vista social ou da Internet - para além da que eu lhe tinha construído artificialmente.

Nenhum caso me foi referenciado como tendo adicionado desconhecidos, embora posteriormente um dos jovens me admitisse falar com desconhecidos em sites ou blogs de futebol, jogos ou música.

Todos declararam ter adoptado uma escrita mais correcta, mas a simplificação persiste na comunicação via Messenger e SMS.

Os programas de email continuam a ser pouco utilizados, preferindo o Messenger para passar músicas ou fotos ou programas de *downloads* para importar. O Messenger continua a ser a plataforma de comunicações privilegiada, apesar de algum crescimento dos programas de voz do tipo Skype. O mais velho dos jovens declarou utilizar preferencialmente o Skype para falar pela Internet por ser mais rápido na comunicação, persistindo a forma escrita ao telemóvel por ser mais barata.

Os telemóveis são a outra forma preferencial de comunicar; em especial sobre a forma de mensagens instantâneas: vários operadores fornecem mensagens escritas infinitas por uma pequena mensalidade, com uma contrapartida de fidelização de entre dezoito meses a dois anos. O hábito e o preço vulgarizaram as mensagens e a forma contágica a forma de escrita na Internet, ou contagiam-se mutuamente.

Quando procurava os pontos comuns entre a vida social dos entrevistados e a Internet, ou melhor, na vida social na Internet, as respostas eram curiosas e por vezes significativamente diferentes das respostas iniciais: dado que valorizavam o meu interesse nas relações através da Internet, tinham tendência a valorizar um tipo de relações mais formal (do ponto de vista da Internet), desvalorizando ou esquecendo outras. Havia algumas que pareciam ser feitas apenas para existir na Internet. Ou talvez para me agradar.

Quando pedi que me fornecessem a lista detalhada dos contactos (os amigos) privilegiados no Messenger, surgiram contactos que não tinham sido referidos anteriormente, e outros quase desapareciam. A família ou um dos pais, alguns irmãos, estavam quase sempre entre os referidos e alguns inicialmente citados entravam para uma segunda divisão. O número de contactos regulares resumiam-se a entre cinco a dez,

dos quais uma boa parte eram também os indivíduos com que convivia pessoalmente no quotidiano; portanto colegas, namorados e amigos e família.

A excepção foi a delegada de turma e coordenadora do grupo da igreja que insistiu contactar com dezenas de outros jovens, professores e família diariamente, o que só seria possível fazer através da Internet, ao contrário do estudante de audiovisuais que reduziu drasticamente os amigos na Internet aos seus amigos pessoais próximos. O amigo com que contacta diariamente no Skype, a viver em Nova Iorque, é um dos seus melhores amigos desde há muitos anos.

No Facebook o comportamento destes jovens parece ser também diferente do Messenger, e isso terá a ver também com a natureza dos próprios programas: enquanto no MSN se pode controlar melhor os contactos com quem se pode falar, mostrando-se disponível ou não, de acordo com a disposição do momento, mas ele é realmente um meio de comunicação (que até possui um modo de vídeo e voz), o Facebook é bastante mais complexo, permitindo colocar fotos e informação e comentários posteriores, autorizando um diálogo permanente em diferido alargado aos amigos. O Facebook possui um modo de comunicação instantânea, mas não é essa a sua vocação. O grupo de amigos no Facebook é muitas vezes dilatado para além dos amigos do quotidiano, de acordo com interesses sociais, diríamos mais sofisticados.

d. Segundas e Terceiras Entrevistas – Grupo 2

Entre as primeiras e as segundas e terceiras entrevistas, entre Maio de 2009 e Junho de 2010, também neste grupo poucas novidades seriam de esperar: dois jovens mudaram de casa; dois dos jovens da turma da Bartolomeu de Gusmão namoram entre si; um outro mais velho namora também; a quase totalidade da turma está no 11.º ano; basicamente todos cresceram.

Anotei alguns novos interesses pessoais, como carros, futebol e outros desportos, cinema, discotecas e obviamente raparigas ou rapazes. Nenhum deles me referenciou um acréscimo de interesse pela leitura e apenas dois me falaram em Mangas quando questionados sobre o interesse pela Banda Desenhada.

Alguns deles, em especial os mais velhos, já têm respostas para o que querem fazer quando acabarem o 12.º ano: dois falaram em seguir a carreira militar, fuzileiros ou aviação, dois dos mais entusiastas da tecnologia querem seguir engenharia informática e um quer ir trabalhar no negócio do pai. Apenas cinco deste segundo grupo têm perspectivas de entrar para o Ensino Superior.

Todos com uma exceção declararam manter uma actividade semelhante na Internet, mas são notórias algumas diferenças de comportamento. Todos declararam ter adicionado amigos no Messenger, e um deles mesmo, dezenas. Uma rapariga adicionou um amigo que conheceu em férias e que mora noutra cidade. Alguns adicionaram colegas de outras turmas ou amigos do bairro. À semelhança do Grupo 1, também aqui notei o alargamento à família: três casos adicionaram primos, um deles uma tia e dois outros os pais. Surge o Facebook em quatro dos inquiridos, embora com actividade titubeante, provocados sempre por convites exteriores à turma. Alguns jovens ofereceram ao resto da turma a sua amizade e alguns outros centraram a sua amizade em um ou outro amigo a partir de interesses comuns: partilha de jogos e jogos online, futebol ou, de outra forma, namorada ou namorado. Depois de alguma insistência alguns reconheceram ter mudado de amigos na Internet; já pouco falam com alguns, enquanto manifestem interesse noutros. As razões parecem-me ser em ambos os sexos, interesse de namoro, casamento ou mesmo sexual, a par de interesses comuns como net-jogos, música ou futebol.

O mais velho da turma do Grupo 2 dedica-se agora menos à Internet e vira a sua atenção para os carros. O tio ofereceu-lhe um carro em que ele precisa dar uns toques, como se exprimiu. Muitas vezes vai à Internet apenas para consultar sites e blogs de carros; tanto nas novidades tecnológicas ou corridas, como preços de carros usados.

O núcleo duro dos aficionados dos jogos e das tecnologias parece ter-se aperfeiçoado e joga jogos e domina programas de maior complexidade, sendo solicitados pelos menos hábeis para resolver problemas informáticos ou lhe passar jogos ou músicas. Consideram-se a si mesmo um grupo à parte, mesmo se parecem conviver bastante bem na turma, muito provavelmente devido ao capital simbólico acumulado.

Creio que, apesar da diversidade de comportamentos, me foi possível divisar num número razoável de indivíduos do grupo 2, em especial do sexo feminino, um alargar da

rede de amizades à turma e, ao mesmo tempo, por vezes os mesmos jovens, da criação de pequenas associações (quase-grupos) de interesses que podiam ou não coincidir com a turma.

Em nenhum caso neste Grupo 2 (à semelhança do Grupo 1) me foi possível encontrar afinidades que autorizem a imaginação de uma comunidade de utilizadores da Internet. O mais aproximado que observei esteve nalguns indivíduos cuja amizade se teceu a partir de interesses comuns sobre a Internet e a tecnologia, caso típico dos *nerds* dos jogos e dos *cracks*²³ ou dos piratas mais obsessivos; ainda assim, bem longe de se poderem considerar *hackers*.

O comportamento quanto aos desconhecidos é semelhante ao do primeiro grupo, com nenhum dos inquiridos a reconhecer falar com desconhecidos na Internet. Colocada a pergunta de outra forma, alguns jovens admitem dialogar com pessoas que não conhecem, em sites de futebol, jogos ou música. Uma rapariga – o único caso - acabou por me descrever um conhecimento de um rapaz a partir de uma amiga de uma amiga de uma amiga, num adimensionamento em terceira ou quarta mão, num caso em que claramente o rapaz andava à cata de raparigas. Ela acabou por admitir ter consciência de algum risco, mas também ter curiosidade em conhecer o rapaz. Ainda assim, nunca o considerou propriamente como um desconhecido, já que ele era amigo da amiga da amiga da amiga...

Mas a regra é sempre adicionar indivíduos nas redes sociais que já se conhecem: «adicionei um amigo de outra turma»; «adicionei duas raparigas da minha rua»; «adicionei um primo de Azeitão»; «adicionei um tipo com quem jogo»; «adicionei uns amigos da minha prima», respondem.

Também neste grupo as segundas entrevistas confirmam o desaparecimento de alguns programas e o surgimento de outros. O Hi5 tem menos atenção agora, se bem que quase todos o mantenham activo, e já referi a actividade nascente no Facebook (nenhum no Farmville). No campo dos jogos, surgiram alguns de maior complexidade, que substituíram outros.

²³ Programas que permitem quebrar a segurança de jogos ou programas.

Genericamente todos declaram já escrever melhor, e apenas os *kapas* persistem e algumas abreviaturas do tipo «qq» (qualquer). A realidade observada não é bem assim, e além de persistir uma escrita bastante hermética, muitos jovens dão erros de ortografia. Por vezes é difícil saber onde acaba o *internetês* e começa a asneira. Mas alguns jovens estão a fazer um esforço para mudar de linguagem escrita (o que corresponderá também ao processo de crescimento ou à necessidade de se apresentar a mim como mais adulto).

O Hotmail e outros programas de email continuam a ser pouco utilizados, sendo o Messenger utilizado para passar músicas, a par de programas de *downloads* de legalidade duvidosa para importar jogos ou *cracks*.

Os telemóveis são a segunda forma de comunicar privilegiada, também na forma de mensagens instantâneas.

O comportamento na resposta quanto ao universo social foi semelhante ao do primeiro grupo: os indivíduos com que comunicam via internet ou telemóvel tendem ser os mesmos das relações pessoais cara-a-cara, sendo a lista do quotidiano reduzida a uma ou duas dezenas, e incluindo família, amigos e colegas.

O problema que aqui me surgiu, sugeriu-me um outro tipo de exercício.

e. Últimas Entrevistas – Registo de Interações

As entrevistas realizadas já este ano de 2010 tiveram dois objectivos diferentes e processaram-se através de dois meios, a entrevista pessoal e através da Internet, por email ou Messenger.

Quanto aos objectivos, em primeiro lugar eu procuravam prosseguir os inquéritos, no sentido em que as anteriores entrevistas tinham feito: observar as modificações no seu status social e no seu quotidiano e o seu comportamento face à Internet, conjugado com a sua vida social.

Mas introduzi também uma nova forma de inquérito cujos resultados resultaram interessantes: solicitei aos jovens que me fizessem uma descrição simples de todos os

indivíduos com quem tinham contactado e de que forma (pessoal, por telefone ou via net) durante dois dias. Chamei a este exercício de «Registo de Interações».

A análise dos Registos estavam já sugeridas anteriormente, mas foram ainda assim surpreendentes pela dimensão: a vida social destes jovens é intensíssima e eles utilizam todos os meios indiferenciadamente e de forma sequencial e ininterrupta. Eles levantam-se com o telefone, vão para a Internet, saem para a rua falar com os amigos com quem falara antes, voltam a casa para a Internet, falam ao telefone por voz, trocam mensagens, encontram-se de novo, falam de novo... Os dois exemplos em anexo são significativos (anexos K e L). Qualquer destes dois jovens falou através de todos os meios, telefone, internet ou pessoalmente, por voz ou por escrita, com dezenas de indivíduos em cada um dos dias! O que mais impressiona será talvez a forma como mudam de meio, e a Internet e o telefone estão perfeitamente integrados no seu quotidiano!

4. CONCLUSÕES

Foram sugeridas na descrição do trabalho de campo algumas das linhas de força das conclusões, que importa sistematizar.

a. A Internet

Em primeiro lugar a Internet não pode ser entendida como algo que está separado dos indivíduos, a que eles se ligam, da mesma forma como ela não é uma plataforma estática nem evolutiva. Quero dizer, ela muda, impondo que todas as observações sejam provisórias, mas a sua evolução não é uma recta unidireccional no sentido do futuro, e são inúmeros os factores, e não apenas tecnológicos, que impõem o seu desenvolvimento. Já referi atrás, por exemplo, como os jovens impuseram à Microsoft a continuação de um produto – o Messenger – que era suposto ter acabado, e onde a forma privilegiada de expressão é a escrita, o que pode parecer um absurdo na era da banda larga. E não podem existir dúvidas de que se trata de cultura!

«The underlying theory is that science and technology induce progress autonomously-a belief represented by the metaphor of "the arrow of progress." The arrow of progress, which pervades studies in a variety of disciplines, embodies an evolutionary determinism that goes, roughly, from science to technology to industry to market and, finally, to social progress.» (Escobar 1994, 211-212),

enuncia Arturo Escobar, incitando os antropólogos a tratar a tecnologia como um produto cultural, e a questionar-se que novas formas de construção social da realidade e de negociação dessas construções estão a ser criadas ou modificadas pela cibercultura (217). O mesmo observa Castells (Castells et al. 2006, Cap. 4) quando fala de uma cultura juvenil da modernidade, e obviamente Wilson e Peterson quando observam como a Internet está a crescer embebida no mundo, quer dizer, das pessoas e da cultura (Wilson e Peterson 2002)

Esta foi também uma das conclusões que retirei do trabalho de campo com os dois grupos de jovens. Se a cultura da modernidade associada à tecnologia e à Internet tem

sido observada por inúmeros observadores, para os jovens com que trabalhei, a tecnologia e a Internet com que cresceram, que dominam melhor que a maioria dos adultos, são uma verdadeira cultura alternativa, que conta com produtos próprios, como comprovei no caso do Hi5, aparelhos tecnológicos próprios, telemóveis e MP3, e até uma linguagem própria. Diríamos que esta cultura juvenil está também associada a um consumismo que é herdado do American Way of Life (mas a América não é a pátria do futuro e da tecnologia, onde foi inventada a Internet?), e que exprime no desejo (e exibição) de novos equipamentos e programas, e que se completa com formas musicais próprias, roupas, desportos, gadjets, etc. Sobre a escrita como expressão desta cultura cibernética, falaremos ainda adiante.

b. Comunidade Virtual Internet e Redes Sociais.

Ao longo das entrevistas, e apesar de todos os jovens serem utilizadores relativamente experimentados da Internet, não me foi possível encontrar afinidades dentro de cada um dos grupos capazes de estabelecer qualquer tipo de comunidade virtual sobre a plataforma Internet. Encontrei sim afinidades na forma de escrever ou comunicar através da Internet e das mensagens telemóvel SMS, comunidades ou quase-grupos constituídos a partir de interesses comuns, caso dos jogadores, dos membros dos programas de redes sociais (refiro-me aos programas do tipo Facebook ou Messenger), dos melómanos-piratas, dos maníacos da tecnologia ou ainda a partir de relações de amizade anteriores. Nenhum dos jovens se considerava membro de qualquer comunidade global e a utilização da Internet, mesmo nos casos mais duros, era meramente pragmática (não encontrei também info-excluídos, apesar de alguns poucos casos de utilização Internet incipiente).

O caso do Facebook, do Hi5 ou do Messenger, admitindo constituir comunidades, do ponto de vista em que estes jovens se imaginam assim, membros de uma ou outra ou várias comunidades (Facebook ou Messenger ou outra); a verdade é que elas são um prolongamento da sua vida social, não começam nunca nem acabam na Internet, mas transvazam do e para o quotidiano mais comezinho a todo o momento, na escola, nos encontros sociais, no telefone e atravessando em diagonal as diversas plataformas. O mesmo para os jogadores ou os melómanos.

A Comunidade Virtual Internet, para os jovens – para nenhum dos grupos que observei e apesar das diferenças entre eles que se revelavam até nas práticas – não possui características de perenidade e densidade que a permita estabelecer-se autonomamente como Comunidade, pelo menos do ponto de vista que a Antropologia Social tradicional as entendia. Esta observação estende-se para todos os programas denominados correntemente de Rede Social. Ela (eles) é por demais fluida: os jovens utilizam-na de forma utilitária (oportunista?) para interagir, e como forma de construção e afirmação da personalidade. Encontrei mais sentimentos de pertença entre os aficionados dos jogos ou da música e nas relações familiares, de namoro ou amizade.

c. Linguagem Internet como comunidade e cultura

Já referi a linguagem – simplificada - como uma das características comuns no relacionamento entre os jovens na Internet (e também nas mensagens SMS telemóvel). Bourdieu afirmava que

«Tout acte de interaction, toute communication linguistique, même entre deux personnes, entre deux copains, entre un garçon et s appetite amie, toutes interactions linguistiques sont dès espèces de micro-marchés qui restent toujours domines par les strucutres globales». (Bourdieu 1984,124)

Creio que este é um caso excepcional de afirmação linguística que possui várias perspectivas. Por um lado, podemos considerar que esta forma própria da juventude se afirmar se dirige contra «as estruturas globais», e será óbvio que toma essas estruturas como referência. A afirmação de uma linguagem – assumida (imaginada) como moderna - em oposição à linguagem dos velhos, fará parte do processo de afirmação da personalidade dos jovens em crescimento – que é feita em grande medida contra os adultos e o *stablishment*. Num momento mais avançado da idade, os jovens tendem a inserir-se no mundo dos adultos, negociando o seu espaço e procurando adaptar-se à linguagem *mainstream*: a maior parte dos jovens afirmou-me estar num processo de melhoramento da escrita, e alguns afirmaram-me sempre ter escrito correctamente. Nuns e noutros casos, a observação não constatou esse melhoramento, o que não será relevante, dado que estavam a falar comigo, que sou um adulto.

A forma escrita mais codificada que observei entre os jovens e na comunicação na Internet e nas mensagens SMS, será também uma forma de afirmação e ostentação de capital simbólico, que observámos também noutros comportamentos e de outras formas.

Ao longo dos inquéritos não concluí das competências dos entrevistados na língua inglesa, mas foi notória a utilização de inglesismos²⁴ e derivados (do tipo *printar*), e nem sempre correctamente aplicados. Mas também acrónimos, palavras alteradas ou truncadas, a par de uma utilização excessiva de *kapas* e *xis* e símbolos do tipo :D ou :-O ou emoticons equivalentes²⁵, que podem realmente impedir a leitura para os leigos. Mas estes símbolos têm-se vulgarizado, de tal forma que o próprio processador de texto da Microsoft, o Word, os admite e transforma de forma automática na escrita. O Novo Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa adoptou também alguns destes termos menos ortodoxos.

É possível divisar nesta linguagem própria do *internetês* uma forma de comunidade de práticas, que excede o mundo dos jovens, e que remete para a afirmação – exibição da modernidade. Mas eu creio que ela é a expressão não de uma qualquer comunidade (ou rede social) mas de uma cultura. Jovem, cibernética, modernista, alternativa (de oposição à linguagem dos adultos).

À pergunta de quais as diferenças entre o seu comportamento e os dos seus pais na Internet, os jovens respondem normalmente: «os meus pais utilizam mais para trabalhar e nós para comunicar» ou «nós sabemos mais que eles». Por um lado eles consideram a Internet como deles e, como vimos, alguns produtos em especial são tipicamente juvenis, mas também a forma de comunicar mais simples e natural - porque a linguagem oficial está sujeita a demasiadas regras que fazem parte do mundo dos adultos e do passado - lhes oferece uma autoridade que corresponde à sua afirmação na sociedade, e à aquisição de capital social.

Castells e outros descrevem a abertura dos jovens às novas tecnologias e como se apropriam delas para os seus próprios propósitos, e que se transformou numa verdadeira «cultura comum de comunicação, com manifestações distintas em função da idade» (Castells et al 2006, Cap. 4). Isso é por demais observável nos tipos de produtos que

²⁴ «A língua inglesa fica sempre bem e nunca atraiçoa ninguém» (Manuela Azevedo – Clã).

²⁵ Ícones para a Internet significando emoções do tipo ☺ ou ☹.

usam e na forma como os usam. O Hi5, por exemplo, como atrás referi, é uma plataforma maioritariamente juvenil, mas também – como venho referindo - a forma como teclamo mensagens furiosamente ao telemóvel, e que se relaciona com o valor mais baixo das mensagens escritas, e de novo, na afirmação de uma cultura juvenil inacessível aos adultos. Mas poderíamos considerar, como extensão, que muitos adultos que adoptaram na Internet ou nos SMS esta linguagem simplificada, se considerarão a eles próprios como indivíduos modernos.

Vários operadores de telefones móveis introduziram planos que permitem aos jovens, a partir de uma mensalidade e uma fidelização temporal, transmitir mensagens escritas infinitas. Esta forma de comunicar foi contaminada pela forma de escrita simplificada na Internet – que foi a primeira a ser utilizada nos *chats*²⁶, passando a ser a regra em ambos os meios. Tratava-se nos primórdios da Internet de comunicar de forma rápida e barata, tendo sido vulgarizados dicionários de códigos e símbolos, a par de códigos de comportamento. Com o advento da banda larga, esta forma de comunicar deixou de fazer sentido, mas ela permanece a mais utilizada! Haverá por um lado um efeito de contágio – mútuo - com as comunicações telemóvel, mas também a reprodução de um comportamento incorporado considerado moderno.

Por outro lado a simples questão económica na forma escrita apontada por Castells não é irrelevante e é significativa. Porque se a ideologia, ou a utopia, da modernidade, determina comportamentos, aspectos que se diriam pragmáticos de igual forma os condicionam, sendo da mesma forma corporizados identificando a linguagem internet como simples e barata, mas, paradoxo!, mesmo os indivíduos mais abastados a utilizam.

Um outro aspecto me pareceu ser relevante na comunicação escrita, refere-se ao semi-anonimato que a expressão escrita permite, e será uma das outras explicações que avento para a popularidade da forma escrita sobre a visual. Ao escrever, os indivíduos não mostram o rosto, podendo construir a máscara (Goffman) de forma mais eficiente, escolhendo os aspectos da sua vida que lhes importa relevar e omitindo os outros.

²⁶ Salas de conversação na Internet

d. Classe Social, Idade, Género

Dado o relativamente curto universo de indivíduos inquiridos e o igualmente curto tempo do trabalho de campo, não me é possível tirar conclusões definitivas quanto ao comportamento na Internet no tocante às diferenças quanto ao género, idade e classe social. Ainda assim, creio que vale a pena dar conta das minhas suspeitas, que serão em número igual às minhas dúvidas.

A média de idades no primeiro grupo (incluindo Ego 1 e Ego 2) é de 18,5 anos e de 16 anos no segundo, ao momento das primeiras entrevistas.

Já escrevi que considero importantes estas diferenças de idade nos jovens, fundamentalmente pelo seu estatuto de maior ou não maior que lhe é oferecido pela sociedade, apesar da eventual maior ou menor maturidade de cada um dos jovens. Tomarei assim como certo que uns (Grupo 1) são adultos (jovens adultos) e outros (Grupo 2) não.

Por outro lado considere também (e será discutível) que o primeiro grupo está genericamente integrado num nível superior de classe social em relação ao segundo. O meu argumento refere-se ao status social exibido (mesmo que eventualmente apenas ambicionado), e apesar da referida heterogeneidade no interior de cada um dos dois grupos.

O primeiro grupo está equilibrado em termos de género (3 M – 3 F, ou 4 M – 4 F, se contarmos com os Egos), enquanto o segundo está claramente desequilibrado (10 M – 3 F), tornando difíceis as conclusões.

Suspeito, com dúvidas, que existem produtos típicos de idade e produtos típicos de classe social, mas os indicadores possíveis quanto a produtos associados aos géneros serão mais vulneráveis.

i. Facebook.

Na primeira ronda de inquéritos, nenhum dos inquiridos do Grupo 2 possuía conta no Facebook, e todos me responderam ter conta no Grupo 1.

Podemos considerar que o Facebook é um produto típico de classe, que é um produto típico de idade, ambos, ou nenhum: podemos até admitir que o Facebook é um produto de moda, que ainda não chegou à Escola Bartolomeu de Gusmão (e é verdade que nas entrevistas mais recentes, alguns alunos da Bartolomeu me respondeu já ter aderido do Facebook)..

ii. Messenger

Todos os inquiridos são utilizadores do Messenger, mas os dois mais velhos dos dois grupos declararam tê-lo passado a utilizar bastante menos nos últimos tempos. Com o argumento do tempo nos dois casos. O mais velho do Grupo 1 declarou utilizar mais o telemóvel ou o Skype, enquanto o mais velho do Grupo 2 declarou não ter tempo nem paciência..

Não encontrei quaisquer diferenças em termos de género ou classe social, e apenas se pode portanto suspeitar de uma menor utilização na característica idade.

iii. Skype

O Skype tem poucos fãs nos dois grupos. No Grupo 1 dois utilizam o Skype (e outros programas de comunicação vídeo) ocasionalmente, e um outro com regularidade. Os três do sexo masculino. No Grupo mais jovem, apenas um declarou utilizar o Skype e vários nem sequer têm câmara de vídeo.

Aparentemente o Skype encontra mais acolhimento nos indivíduos mais velhos do sexo masculino, de classe social mais elevada.

Hi5 e Tweeter

Todos os mais jovens me declararam ter conta no Hi5 bem como alguns dos mais velhos, que declararam também, na sua maioria, já ter desistido ou já não entrar no programa há muito tempo.

Pelas suas características associado a produtos de moda mais juvenis, a música pop consumida tipicamente por adolescentes, ao *gossip* das celebridades, e até pelo grafismo mais juvenil, este parece-me um programa tipicamente mais dirigido e consumido por adolescentes.

Pelo contrário o Tweeter não teve nenhuma referência, o que pode indicar, supostamente, um programa apenas utilizado por adultos ou por uma elite intelectual que não encontrou neste universo nenhum candidato.

Uma outra hipótese ainda terá a ver com o fenómeno da moda associado a este produto, de história mais recente.

iv. *Blogs e sites*

Não encontrei internautas viciados, ou não se declararam, e todos os que me responderam ter por hábito consultar *blogs* ou *sites*, referiram-se sempre a interesses pessoais do tipo desporto, jogos ou música, ou mais especializados, do tipo cinema ou carros.

Não encontrei diferenças de idade, classe ou género na utilização internauta, e os interesses na Internet correspondiam aos seus interesses pessoais.

Por outro lado no Grupo 1 cinco dos seis possuíam *blog* próprio e um deles do sexo feminino tinha até dois, enquanto no Grupo 2 apenas um tinha *blog*. Creio poder divisar indícios de diferenças em termos de idade, associados a uma maturidade de interesses.

v. Música e cinema

Todos os inquiridos gostam de música, mas os seus gostos, até onde pude saber limitam-se à música pop. Não aprofundei esta questão.

Também todos sacam músicas da Internet, como maior ou menor habilidade, e todos passam entre si as músicas, quase sempre através do Messenger. Alguns poucos possuem mais conhecimentos técnicos – coincidindo com os mais hábeis também nos jogos - e possuem formas mais expeditas de ir à Internet buscar músicas. Com uma única exceção para o estudante de audiovisuais do primeiro grupo, todos os especialistas em sacar músicas se encontram no segundo grupo.

Alguns jovens sabem piratear filmes da Internet, que vêm com frequência com amigos..

A quase totalidade (com a atrás referida exceção) destes *nerds* da informática têm apenas 16 anos e alardeiam a sua perícia. São todos do sexo masculino.

vi. Google, Wikipedia e navegação internauta

O hábito de pesquisar no Google e na Wikipedia é geral e atravessa idades, classes sociais e géneros. Muitos afirmam mesmo ir primeiro à Internet e só depois aos livros para fazer os trabalhos ou procurar saber qualquer coisa.

Um dos jovens declarou-me ter sido penalizado por copiar um texto da Internet, mas creio que este é um hábito comum. Não me foi possível aprofundar este tema.

Creio também, apesar da amostra ser irrelevante, ter encontrado maiores hábitos de navegação na Internet nos indivíduos do sexo masculino, mas não encontre diferenças de classe social.

vii. Jogos

Apenas um dos inquiridos do sexo feminino me admitiu jogar, no primeiro inquirido, e dois outros admitiram posteriormente jogar pequenos jogos envolvendo pouca perícia. Pelo contrário todos os rapazes do Grupo 2 jogam e outro. Os jogos dos rapazes são

bem diferentes dos das raparigas, mais agressivos e exigindo bastante mais conhecimentos técnicos e perícia. Alguns declararam gastar muito tempo a jogar e vários também declararam jogar Playstation, com amigos e com os pais. Alguns destes jogam também simuladores.

Uma maior amostra permitiria conclusões mais seguras, mas parece haver indícios de que os jogadores se encontram nos indivíduos mais jovens do sexo masculino, coincidindo com os mais hábeis e conhecedores. Creio que são também estes maioritariamente os maiores piratas da Internet.

Não tenho conclusões quanto a classe social, embora se pudesse tirar ilações de que os indivíduos de classe social mais alta joga menos. Parece-me uma conclusão apressada. Como disse, uma maior amostragem permitiria mais sólidas e fundadas conclusões.

viii. Email.

Também o email parece ser um tipo de programa adulto: todos possuem conta de email no Hotmail, obrigatória para o Messenger, mas pouca utilidade lhe dão. Todos preferem comunicar e transferir seja o que for (quase sempre músicas e fotografias) através do Messenger. Todos declararam não participar em correntes e abominar receber PowerPoint com paisagens ou anedotas.

O maior utilizador do email é a delegada de turma (20 Anos) para comunicar com os colegas.

Não encontrei diferenças de género ou classe social e talvez apenas eventualmente uma jovem com mais idade lhe tenha encontrado utilidade.

e. Internet – A nova arena

«... quando um indivíduo se apresenta perante outros terá numerosos motivos para tentar controlar a impressão que estes recebem da situação.» (Goffman 1993, 26) diz Goffman comparando a atitude dos indivíduos nas interacções sociais ao papel de actores:

«Quando um indivíduo desempenha um papel exige implicitamente dos seus espectadores que levem a sério a impressão que neles procura suscitar. É pedido aos outros que acreditem que a personagem que estão a ver realmente possui os atributos que parece possuir, que a acção que desempenha tem as consequências que implicitamente afirma, e que, de um modo geral, as coisas são que mostram ser...» (Goffman 1993, 29).

Em **A apresentação do eu na vida de todos os dias**, de 1959, Erving Goffman observou como os indivíduos se mascaram na sua apresentação quotidiana, representando papéis ao longo do dia, de acordo com os indivíduos com que interage e de acordo com a impressão que pretende seja colhida. «O actor poderá ser completamente tomado pela sua acção; poderá estar sinceramente convencido de que a impressão da realidade que encena é a realidade real» (Goffman 1993, 29).

Os indivíduos apresentam fachadas, com que se apresenta aos outros, e que podem incluir os distintivos que indicam a profissão, o vestuário, o sexo, a idade e as características raciais, as dimensões físicas e a apresentação, a atitude, a maneira de falar, as expressões faciais, os movimentos do corpo, e outros (36), e que o indivíduos procurarão controlar da forma mais eficiente possível, e já vimos como os actores podem estar convictos do seu papel.

Estatuto social, aparência física, posses materiais, conhecimentos, perícia, podem ser apresentados e sê-lo-ão, e nem sequer está em causa se eles correspondem à realidade; sendo que do ponto de vista da Antropologia Social o que é relevante é aquilo em que o indivíduo acredita e o que ele consegue – ou não - transmitir aos outros.

A Internet veio criar um novo espaço de interacção e representação entre os indivíduos: «The Web has created as new arena for group and individual representation...» (Wilson e Peterson 2002, 58). A forma como os indivíduos se expõem na Internet não é uma novidade, como Goffman fez magistralmente notar na sua analogia com o teatro, mas tão-somente uma nova arena. Os jovens em particular encontram na Internet um campo novo de expressão e representação do seu eu, de extraordinária capacidade.

A Internet oferece-lhes isso: o *nickname* que escolhem e a frase status do Messenger onde expõem o seu humor do dia, a exibição da extrema sociabilidade patente no inflacionado número de amigos que adicionam no Messenger ou no Facebook, as fotos

ao lado de celebridades ou os locais exóticos onde passaram férias e que exibem no Facebook, são apenas o prolongamento do papel que jogam no quotidiano (formas de exibição do capital simbólico), na roupa que vestem, no telemóvel novo que exibem, na exibição do nome de família ou do prestígio aristocrata, nas músicas que conhecem e nos filmes pirateados que já viram, a linguagem – o *internetês*, como lhe chamo – em oposição à língua estabelecida, a modernidade e a irreverência arrogante que exibem, tudo é a afirmação da sua personalidade, a negociação com o seu mundo social e o mundo dos adultos onde se querem afirmar.

Num artigo publicado em Março passado no Público, sob o título de «Redes Sociais não, obrigado», o psiquiatra Pedro Afonso alertava para os perigos da Internet:

«As redes sociais virtuais são bastante diferentes das relações sociais reais. Alimentam-se fantasias e cada um mostra aquilo que tem de melhor: a beleza, o êxito, as férias fantásticas, os momentos de felicidade, etc. Habitualmente o indivíduo promove-se na rede social como uma pessoa de sucesso, expondo as suas vitórias e ocultando propositadamente os seus fracassos. É nesta imensa revista cor-de-rosa, irreal e fantasiosa, que as pessoas se relacionam umas com as outras, evitando as regras da verdadeira rede social, bem mais complexa e difícil» (Afonso 2010)

Erving Goffman – também ele estudioso da psiquiatria - observaria a Pedro Afonso que as redes sociais são a própria vida real, e as formas – eventualmente cor-de-rosa – como as pessoas se apresentam, são apenas a extensão do fato e gravata do quotidiano.

A Internet não existe apartada do Mundo, diziam de forma clarividente Wilson e Peterson (2002)!

f. O anonimato

Catarina Fróis diz que «o anonimato pode ser entendido como um modo de gestão da informação que o indivíduo faz de si mesmo» (Fróis 2005, 310). O indivíduo utiliza o anonimato como uma máscara na sua relação, apresentando áreas da sua vida e da sua

personalidade, ou omitindo-as, de acordo com as necessidades do momento, o contexto e os indivíduos que enfrenta.

Uma das perguntas que coloquei a todos os indivíduos dos dois grupos relacionou-se com o contacto com desconhecidos na Internet, tendo a resposta sido sempre negativa: nenhum dos jovens admitiu numa primeira instância falar com desconhecidos. Mas, colocadas as questões de outra forma, vários admitiram inserir posts em blogs temáticos em diálogo com outros indivíduos que não conheciam e uma das raparigas acabou por me confessar ter conhecido um indivíduo que se apresentou como amigo de uma amiga.

Creio que esta é uma situação possível, embora eu tenha concluído que o grosso dos contactos na Internet se efectua dentro do grupo social de cada um dos indivíduos.

g. Second Life

Um dos mais populares jogos na Internet do início do milénio dá pelo nome de Second Life e, como o nome indica «Second Life é como uma vida paralela: «é possível fantasiar os planos até então impossíveis de serem atingidos na vida real.» (Wikipedia). A repentina popularidade do jogo, entretanto esvaída, correspondia de certa forma à concepção subjacente à ideia de Internet enquanto universo paralelo.

A imprensa tablóide apresenta com frequência a Internet como um local obscuro onde recatados funcionários bancários, professores ou ingénuas jovens e donas de casa se transformam em predadores e presas que se perseguem mutuamente.

Esta ideia é suportada por inúmeros observadores supostamente autorizados invocando a sua autoridade científica e académica (o texto do psiquiatra Pedro Afonso é exemplar); que não ajudam em nada a enfrentar o fenómeno, servindo apenas a alimentar medos e ignorância.

E enfim, uma outra perspectiva entusiasmada, presente na sociologia de Manuel Castells (Castells 2004 e Castells et al 2006) encontra na Internet o triunfo do individualismo e o suporte material do individualismo em rede. A imagem do solitário à frente do computador escrevendo, trabalhando, estudando ou comunicando com 2

bilhões de indivíduos banalizou-se, mas será talvez necessário observar mais perto para compreender de que forma se construiu, e se se construiu, a atomização do indivíduo.

Creio que se algo eu posso concluir do meu trabalho de campo, é exactamente que a Internet não é uma coisa separada da vida, mas faz parte do próprio quotidiano dos indivíduos, que a utilizam – como actores - de forma pragmática, utilitária e até oportunista. Exactamente como o faziam antes da era Internet e como o fazem através de todos os outros meios no seu dia a dia. Os jovens, pelas razões que expliquei, pela sua sinceridade e por terem crescido com a Internet, tratam-na com uma ainda maior naturalidade, integrando-a no seu dia-a-dia, e utilizando-a para se afirmar no mundo. Das mesmas formas saudáveis ou perversas, como nós, os adultos, fizemos na nossa juventude quando não existia a Internet. A Internet não moldou os indivíduos; eles utilizam-na para comunicar, para trabalhar, para estudar, para viver. A Internet não transformou a sociedade comunitária em individualista; deixaremos isso para outro estudo; mas o que eu penso poder retirar da minha observação, é que os individualistas e os comunitários utilizam de igual forma a Internet como instrumento e extensão da sua personalidade. Comunidades são constituídas a toda a hora na Internet e indivíduos exprimem-se na Internet. A Second Life é uma fantasia.

BIBLIOGRAFIA

- Afonso, Pedro. 2010. Redes sociais não, obrigado. Internet:
<http://jornal.publico.pt/noticia/15-03-2010/redes-sociais-nao-obrigado-18988716.htm>
- Anderson, Benedict. 1991. Comunidades Imaginadas. Edições 70, Lisboa
- Barnes, J.A.. 1954. Class and Committees in a Norwegian Island Parish.
- Barnes, J.A. 1987A. Texto solto a propósito de Class and Committees in a Norwegian Island Parish. Garfield Library, This Week Citation Classic, Internet, [ssics1987/A1987H444400001.pdf](http://www.garfield.library.upenn.edu/classics1987/A1987H444400001.pdf)"<http://www.garfield.library.upenn.edu/classics1987/A1987H444400001.pdf>. Barnes, J.A. 1987B. Redes Sociais e processo político, in Antropologia das Sociedades Contemporâneas, Bela Field-Bianco org. Global Universitária, São Paulo
- Both, Elizabeth. 1976. Família e Rede Social, Livraria Francisco Alves Editora. Rio de Janeiro
- Bourdieu, Pierre. 1984. Questions de Sociologie. Les Editions de Minuit, Paris
- Castells, Manuel. 2004. A Galáxia Internet. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- Castells, Manuel, Mireia Fernández-Ardèvol, Jack Linchuan Qiu, Araba Sey. 2006. Comunicación Móvil y Sociedad, Una perspectiva global. Fundación Telefonica/ Ariel, Barcelona
- Costa, Rogério da. 2005. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência colectiva. Interface – Comunic, Saúde, Educ, v.9, n.17, p.235-48, mar/ago 2005
- Escobar, Arturo. 1994. Welcome to Cyberia: Notes on the Anthropology of Cyberculture [and Comments and Reply]. JSTOR, Internet:
<http://www.jstor.org/pss/2744194>
- Goffman, Irving. 1993. A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias. Relógio d'Água, Lisboa

Mayer, Adrian C.. 1987. A importância dos “quase-grupos” no estudo das sociedades complexas, in Antropologia das Sociedades Contemporâneas, Bela Field-Bianco org. Global Universitária, São Paulo

Miller, Daniel e Don Slater. 2004. Etnografia on e off-line: Cibercafés em Trinidad, in Horizontes Antropológicos, Ano 10, n.º 21, p. 41-65, Porto Alegre

Mithell, J. Clyde 1987. A Questão da Quantificação na Antropologia Social, in Antropologia das Sociedades Contemporâneas, Bela Field-Bianco org. Global Universitária, São Paulo

Portugal, Silvia. 2007. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. Oficina do CES n.º 271. Março de 2007, Coimbra

Radcliffe-Brown, A.R. 1989. Estrutura e Função nas Sociedades Primitivas. Edições 70, Lisboa

Recuero, Raquel da Cunha. 2001. Comunidades virtuais – Uma abordagem teórica. Internet: INK
"http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm" "http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm"

Recuero, Raquel da Cunha. 2003. Weblogs, webrings e comunidades virtuais. Internet: des-virtuais.pdf "http://www.bocc.uff.br/pag/recuero-raquel-weblogs-webrings-comunidades-virtuais.pdf"

Recuero, Raquel da Cunha. 2005. Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo. Ecompos, Internet, v.4, n. Dez 2005.

Rheingold, Howard. 1993. The Virtual Community. Addison-Wesley Publishing Company. Massachusetts

Ribeiro, Gustavo Lins. 1995. Internet e a Emergência da Comunidade Imaginada Transnacional. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Sociais. Internet: http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie181empdf.pdf

Ribeiro, Gustavo Lins. 1996. Internet e a Comunidade Transnacional-Virtual. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Sociais. Internet: RLINK

"<http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie198empdf.pdf>"<http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie198empdf.pdf>

Waters, Malcolm. 1999. Globalização. Celta Editora, Oeiras

Wilson, Samuel M. and Leighton C. Peterson. 2002. The Anthropology of Online Communities. Annu. Rev. Anthropol. 2002.31: 449-467. Internet: [hardstevens.com/articles/wilson_peterson.pdf](http://jrichardstevens.com/articles/wilson_peterson.pdf)"http://jrichardstevens.com/articles/wilson_peterson.pdf

Wikipedia. Internet: http://pt.wikipedia.org/wiki/Second_Life

ANEXO A - Mapa de distribuição entrevistas e entrevistados - Grupo 1

| N.º | Sexo | Idade (²⁷) | Escolaridade (²⁸) | | | | Entrevistas | | | |
|-------|------|----------------------------|--------------------------------|------|------|--|------------------------|-----------------|--|--|
| | | | Estuda | Sec. | Fac. | Área | 1. ^a | 2. ^a | 3. ^a | 4. ^a |
| 1 | F | 18 | S | 12.º | | Artes | 2/09 | 4/09 | 5/10 (²⁹)(³⁰) | |
| 2 | M | 20 | S | | 1.º | Audio- visuais | 10/08 | 5/09 | | |
| 3 | F | 17 | S | | 1.º | CC (³²)(³³) | 10/08 | 12/08 | 5/10 (³⁴)(³⁵) | 6/10 (³⁶)(³⁷) |
| 4 | M | 18 | S | 12.º | | Artes | 2/09 | 6/09 | | |
| 5 | F | 18 | S | | 1.º | CC (³⁸) | 5/09 | | | |
| 6 | M | 18 | N | 12.º | | (³⁹) | 9/08 | 5/09 | | |
| EGO 1 | F | 20 | S | | 2.º | CC (⁴⁰) | 6/10 (⁴¹) | | | |
| EGO 2 | M | 19 | S | | 1.º | Arquitec. | 6/10 (⁴²) | | | |

²⁷ No momento da 1.^a entrevista

²⁸ No momento da 1.^a entrevista

²⁹ Via Internet (email e Messenger)

³⁰ Registo de Interacções

³¹ Universidade privada

³² Ciências da Comunicação

³³ Universidade privada

³⁴ Via Internet (email e Messenger)

³⁵ Entrevista e Registo de Interacções

³⁶ Via Internet (email e Messenger)

³⁷ Entrevista e Registo de Interacções

³⁸ Ciências da Comunicação

³⁹ Não obteve nota para o ensino superior, mas entrou no ano seguinte para uma universidade privada.

⁴⁰ Ciências da Comunicação

⁴¹ Registo de Interacções

⁴² Registo de Interacções

ANEXO B - Mapa de distribuição entrevistas e entrevistados - Grupo 2

| N.º | Sexo | Idade | Escolaridade | | | | Entrevistas | | | |
|-----|------|-------|--------------|------|------|------|-------------|------|-----------------------------|-----------------------------|
| | | | Estuda | Sec. | Fac. | Área | 1.ª | 2.ª | 3.ª | 4.ª |
| 7 | M | 16 | S | 10.º | | | 5/09 | | | |
| 8 | M | 16 | S | 10.º | | | 4/09 | 5/09 | | |
| 9 | M | 19 | S | 10.º | | | 4/09 | 5/09 | | |
| 10 | F | 15 | S | 10.º | | | 4/09 | 5/09 | | |
| 11 | M | 16 | S | 10.º | | | 4/09 | 5/09 | | |
| 12 | F | 16 | S | 10.º | | | 4/09 | 5/09 | | |
| 13 | M | 15 | S | 10.º | | | 4/09 | 5/09 | 5/10 ⁽⁴³⁾ | |
| 14 | M | 15 | S | 10.º | | | 4/09 | 5/09 | 5/10 ⁽⁴⁴⁾ | 6/10 ⁽⁴⁵⁾⁽⁴⁶⁾ |
| 15 | M | 16 | S | 10.º | | | 3/09 | 5/09 | 5/10 ⁽⁴⁷⁾ | |
| 16 | M | 17 | S | 10.º | | | 4/09 | | | |
| 17 | M | 16 | S | 10.º | | | 3/09 | 5/09 | 6/10 ⁽⁴⁸⁾⁽⁴⁹⁾ | |
| 18 | M | 16 | S | 10.º | | | 4/09 | 5/09 | 5/10 ⁽⁵⁰⁾ | |
| 19 | F | 15 | S | 10.º | | | 3/09 | 5/09 | | |

⁴³ Entrevista e Registo de Interacções

⁴⁴ Entrevista e Registo de Interacções

⁴⁵ Via Internet (email e Messenger)

⁴⁶ Entrevista e Registo de Interacções

⁴⁷ Registo de Interacções

⁴⁸ Via Internet (email e Messenger)

⁴⁹ Entrevista e Registo de Interacções

⁵⁰ Entrevista e Registo de Interacções

ANEXO C - Mapa de dados de caracterização - Grupo 1

| N.º | Sexo | Idade | Pais Ens. Superior | | Pais Profissão | | Residência | PC próprio | Hobbys: Livros Jornais, Cinema | Qtos Anos Internet | Amigos (aprox) | | Net ou Telf ou Pessoal | Fala c/ Grupo na Net |
|-----|------|-------|--------------------|---|-----------------|----------------|--------------------|------------|--------------------------------|--------------------|----------------|---------------|------------------------|----------------------|
| | | | | | | | | | | | Total | Privilegiados | | |
| 1 | F | 18 | N | N | Técnico | Técnico | Benfica | S | Livros | | 30 | 10 | Tel/ pess | N |
| 2 | M | 20 | | | Actor | Técnico | Algés | s | Livros, BD, Cin. | 7 | 315 | Poucos | Tel/ pess | N |
| 3 | F | 17 | N | N | Militar | Educadora Inf. | Odivelas/Telheiras | - | | | 200 | 20 | Net/Tel/Pess | S |
| 4 | M | 18 | S | S | Técnico | Técnico | C Ourique | S | Pouco | 5 | 150 | 20 | Net/Tel/Pess | S |
| 5 | F | 18 | N | N | Operário Espec. | Técnico | Barcarena | s | Jornais | 5 | Centenas | Centenas | Net/Tel/Pess | N |
| 6 | M | 18 | S | N | Engenheiro | Educadora Inf. | C Ourique | N | Expresso, Sábado, Cin. | 6 | 300 | 20 | Net/Tel/Pess | S |
| 20 | F | 20 | S | S | Técnico | Técnico | Lapa | | | | | | | |
| 21 | M | 19 | S | S | Técnico | Técnico | Lapa | | | | | | | |

ANEXO D - Mapa de dados de caracterização - Grupo 2

| N.º | Sexo | Idade | Pais Ens. Superior | | Pais Profissão | | Residência | PC próprio | Livros Jornais, Cinema | Qtos Anos Internet | Amigos na Net (aprox) | | Net ou Telf ou Pessoal | Fala c/ Turma na Net |
|-----|------|-------|--------------------|--------|-------------------|-----------------|---------------|------------|------------------------|--------------------|-----------------------|---------------|------------------------|----------------------|
| | | | | | | | | | | | Total | Privilegiados | | |
| 7 | M | 16 | N | N | Comerciante | Comerciante | Odivelas | N | N | | 80 | 5 | Net | N |
| 8 | M | 16 | S | S | Técnico Sup. | Professor | Almada | S | Cinema | 10 | 300 | 20 | Net/Tel/Pess | E outros |
| 9 | M | 19 | N | Estud. | Polícia | Vendedora Imob. | Olivais | S | Pouco | 7 | Poucos | | Pessoal/ | Poucos |
| 10 | F | 15 | N | N | Jornalista Desp. | Em. Escrit. | C Ourique | N | Pouco | 3 | | | Net/ Tel | E outros |
| 11 | M | 16 | S | N | Professor | F.Pub. | C Ourique | S | Cinema, mangas | 7 | 300 | 20 | Net/Tel/Pess | E outros |
| 12 | F | 16 | N | N | Carteiro | Empresária | C Ourique? | S | | | 100 | 6 | Pessoal/ | Poucos |
| 13 | M | 15 | N | N | Emp. Balcão | Emp. Balcão | Av. Liberdade | S | Cinema | 6 | | | | Poucos |
| 14 | M | 15 | N | N | Vendedor | Em. Escrit. | Queluz | N | N | | 300 | 10 | Net/Tel/Pess | Poucos |
| 15 | M | 15 | N | N | Vendedor | Em. Escrit. | Queluz | N | | | 400 | | Net/Tel/Pess | Poucos |
| 16 | M | 17 | N | Estud | Desempregado | Ed. Infância | Ajuda | S | N | | 2000 | 15 | Net | Mais de fora |
| 17 | M | 16 | N | N | Dist. Jornais | Emp. Mesa | Lapa | S | N | | 300-»400 | 20-»70 ?? | Net/Tel/Pess | Mais de fora |
| 18 | M | 16 | | N | | ? | CO-»C.Santana | S | N | 7 | Muitas | Muitas | Net | Mais de fora |
| 19 | F | 15 | S | N | Téc.Sup.Hotelaria | Téc.Hotelaria | Perto | N | S | 7 | 200 | 15 | Net/Tel/Pess | E outros |

ANEXO E - Mapa de usos do computador - Grupo 1

| N.º | Tempo Internet (h) | Escrita Simplificada | Nick | Status | Programas | | | | | | | | | | Conhecimentos Informática | |
|-----|--------------------|----------------------|--------|--------|-----------|----------|--------|--------|--------|-------|--------------|---------------|-------|--------|---------------------------|------|
| | | | | | Messenger | Facebook | Hi5 | Música | Office | Jogos | Blog próprio | Internet Surf | Email | Skip e | | |
| 1 | 0,5 | Simp. | S | S | S | | Já não | S | | | N | S | Pouco | Pouco | | |
| 2 | 1 | Simp. | Já não | S | Pouco | | Já não | Muito | | | N | 2 | Muito | Pouco | S | Nerd |
| 3 | | | Já não | S | S | S | S | S | | Pouco | N | N | | | | |
| 4 | 1 | Simp. | S | S | S | S | Já não | S | S | N | S | Pouco | Pouco | S | | |
| 5 | 3 | | S | S | S | S | S | S | | | S | S | S | | | |
| 6 | 2/3 | Simp. | N | N | S | S | Pouco | S | S | N | N -> S | Pouco | Pouco | N -> S | | |
| 20 | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 21 | | | | | | | | | | | | | | | | |

ANEXO F - Mapa de usos do computador - Grupo 2

| N.º | Tempo Internet (h) | Escrita Simplificada | Nick | Status | Programas | | | | | | | | | | Conhecimentos Informática | |
|-----|--------------------|----------------------|-------------|----------|-----------|----------|----------|--------|--------|-------|--------------|---------------|--------|-------|---------------------------|-----------|
| | | | | | Messenger | Facebook | Hi5 | Música | Office | Jogos | Blog próprio | Internet Surf | Email | Skipe | | |
| 7 | 1-4 | | S | S | S | N | S | S | | | Muitos | N | S | Pouco | Pouco | Info nerd |
| 8 | Muito | S | Abreviatura | Às vezes | S | S | Já não | S | | | S | N | S | Pouco | Pouco | Info nerd |
| 9 | 15-30m | | S | S | Já pouco | N | Já pouco | Pouco | | | S | N | Carros | Pouco | N | |
| 10 | S | Simp | S | N -> S | S | N | N | Pouco | | | S | | S | Pouco | | |
| 11 | Muito | E/S | S | S | S | S | S | S | | | Muitos | N | S | Pouco | N | Info nerd |
| 12 | Pouco | Simp | N | S | S | N | S | S | S | | N | N | | S | | |
| 13 | 3-4 | | S | S | S | N | N | S | | | Muitos | N | S | S | S | |
| 14 | fds | Já é simp. | S | S | S | N | S | S | | | Muitos | | | S | | |
| 15 | | N | N | N | S | S | | S | | | S | N | | S | | |
| 16 | Muito | Simp | S | S | S | N | S | S | | | Muitos | S | S | S | N | Info nerd |
| 7 | 1 | | S | S | S | N | Muito | S | | | S | N | N | Pouco | N | |
| 18 | 2-3 | Quase Normal | S | S | S | N | S | S | | | Muitos | N | S | Pouco | N | Info nerd |
| 19 | 1-2 | Simp. | S | S | Muito | N | Muito | S | | | N | N | | S | N | |

ANEXO G -Tópicos das entrevistas - Primeira Entrevista

Data

Nome

Idade

Escola

Ano – turma

Aproveitamento anterior

Núcleo Familiar e habitação

Profissão do Pai e Mãe

Habilitação dos Pais

Irmãos: Idade e ocupação

Residência

Utilização da Internet, Informática e tecnologia

Regularidade da utilização da Internet

Equipamentos Informáticos utilizados

Outros equipamentos

Partilha de equipamentos com outros membros da família

Programas utilizados

Messenger

Nickname

Frase Status

Número de contactos

Facebook

Nickname

Número de contactos

Hi5

Nickname

Número de contactos

Outros programas tipo Rede Sociais, conversação, Chat

Jogos

Jogos online

Música

Downloads de música – programas utilizados

Filmes

Downloads de filmes – programas utilizados

Email – programas e endereços

Blog próprio – Nome e tipo

Blogs consulta e navegação

Outros programas utilizados

Navegação Internet

ANEXO H - Tópicos das entrevistas - Segunda e Terceira Entrevista

Data

Nome

Idade

Escola - alterações

Núcleo Familiar e Residência – alterações

Utilização da Internet, Informática e tecnologia

Regularidade da utilização da Internet

Equipamentos Informáticos utilizados

Outros equipamentos

Partilha de equipamentos com outros membros da família

Programas utilizados

Messenger

Actual nickname

Nova Frase Status

Novos contactos e número de contactos

Facebook

Actual nickname

Novos contactos e número de contactos

Hi5

Actual nickname

Novos contactos e número de contactos

Outros programas tipo Rede Sociais, conversação, Chat

Jogos

Novos jogos

Jogos online

Música

Downloads de música – programas utilizados

Novos programas de download ou novas práticas

Filmes

Downloads de filmes – programas utilizados

Novos programas de download ou novas práticas

Email – programas e endereços

Novos endereços

Blog próprio – Nome e tipo

Blogs consulta e navegação

Novos programas utilizados

Programas abandonados

Continua a escrever ou passou a comunicar mais via vídeo

Indivíduos com quem mais contacta na Internet

Indivíduos com quem mais convive pessoalmente

Indivíduo com quem convive que não fala via Internet

Desconhecidos

No Messenger

Noutros sites de Redes Sociais

Em blogs

Indivíduos que conheceu na Internet antes de conhecer pessoalmente

Navegação Internet

Há quantos anos tem Internet

Diferenças entre os primeiros tempos de utilização Internet e hoje.

Diferenças de utilização da Internet entre jovens e adultos.

A Internet na Escola – primeiro Wikipedia e Google ou livros?

Hobbys – Livros, jornais, Cinema, BD, televisão

Perspectivas depois do 12.º ano

ANEXO I - Status do Messenger - Grupo 1

Títulos e excertos dos poemas de músicas (vários)

«Não há aula» (informação da delegada de turma)

«Fi» (a melhor amiga)

«Transmission» (nome de uma música)

«Galamares» (nome de uma localidade)

«Tico tico» (nome que um amigo lhe chamou um dia)

ANEXO J - Status do Messenger – Grupo 2

Títulos e excertos dos poemas de músicas (vários)

«Vamos atirar ao people do Pomarinho» (referindo-se a um bairro rival em Odivelas, perto de sua casa)

«Estou a vender um telemóvel»

«Se alguém me vir com um par de palitos avise-me», e na outra semana: «Ao menos saberei que os tenho»

«Papaformigas in the House»

«Amo-te vida»

«A vida é como o teatro; chora e ri antes que as cortinas fechem e não ouças os aplausos»

«Porque é que o sol existe se tu és a estrela que mais brilha na minha vida»

«Amo-te muito»

«Amo-te Matilde»

«Sonivegas – edita filmes virtual DJ»

«Aproveita a vida que não dura para sempre»

«Próxima paragem: Sudoeste» (referindo-se ao festival pop na Zambujeira)

«Tás mas é maluko, man» (frase que um professor lhe disse)

«In a search for a peace of mind»

«Peace, Love Music»

«Não tornes a tua liberdade na tua própria prisão. By: me»

«Getting Away With It (All Messed Up) James»

«Paz de espírito»

«À espera da compensação»

«Longe muito longe»

«E foi Penduluuuum!» (referindo-se a um espectáculo de DJs no LX Factory)

«Brilhai como astros no Mundo»

ANEXO K - Registo de Interacções - 1

a) A, 16 anos, sexo masculino :

Dia 1.

Levantei-me (a minha mãe telefonou-me a acordar-me)

Tomei banho e comi.

Liguei para o Zé a combinar encontrar-me no intervalo.

Recebi uma mensagem.

Falei de novo ao telefone com um amigo.

Fui de autocarro para a escola e enviei duas mensagens: a namorada e um amigo.

Fui para a aula.

Enviei uma mensagem na aula.

Recebi uma mensagem na aula.

Estive com dois amigos, o Zé e João no intervalo a falar e a combinar encontrar-me.

Estive com uma amiga a falar.

Estive com a minha namorada.

Voltei à aula.

No intervalo falei ao telefone com a minha avó a perguntar se lá podia ir almoçar (a minha mãe tinha-me dito).

Falei com os meus amigos do Counter-Strike outra vez.

Falei com outros amigos.

Voltei para a aula. Falei com o professor.

Recebi uma chamada do meu primo. Mande uma mensagem.

Passei em casa do Zé.

Fui almoçar a casa da minha avó.

Recebi duas mensagens da namorada e respondi-lhe.

Voltei a casa do Zé. Estava lá o João, a Matilde e o primo dele.

Estivemos a jogar.

Falei com a minha mãe ao telefone.

Fui para casa.

Fui para o MSN. Estavam lá umas 5 pessoas. Falei com todas.

Fui fazer um trabalho para amanhã.

Fui ao MSN. Estavam lá os mesmos e mais alguns, mas não me apeteceu falar.

Mandei uma mensagem a um amigo da rua e fomos dar uma volta ao centro.

Comprei umas coisas que estava a precisar e voltámos para casa.

Fui estudar.

Falei com a minha irmã que chegou a casa.

Falei com a minha mãe.

Falei com a namorada no MSN.

Falei com a namorada no telefone de casa.

A minha mãe chegou.

Troquei umas mensagens.

O meu pai chegou.

Jantámos.

Falei com um amigo, mas já não deu pra sair.

Estive a jogar Counter-Strike e a ver televisão.

Troquei mensagens com uma 5 ou 6 pessoas.

Fui-me deitar

Dia 2.

A minha mãe acordou-me com o telefone.

Tomei banho e comi.

Fui para a Escola.

Fui para a aula.

Troquei uns toques com a namorada e uma mensagem.

No intervalo estive a falar com os meus amigos e a namorada.

Recebi uma mensagem de outro amigo do bairro.

Voltei à aula.

No intervalo organizámos um jogo de futebol.

Respondi a duas mensagens de uns amigos da outra escola.

Voltei para a aula. Mandei uma mensagem e recebi a resposta.

Fui ao café almoçar pizza com vários amigos.

Estivemos a fazer tempo noutra café.

Falei com a minha mãe e a minha avó ao telefone.

Enviei e recebi mensagens de: Tiago, Zé, João Bernardo, Sara, Maria.

Encontrei-me com a Sara na escola.

Fui para a aula.

Recebi uma mensagem do Zé.

No intervalo encontrei-me com o Zé.

Encontrei-me com a Sara.

Não tive aula. Fomos ao centro.

Telefonei à minha mãe.

Estivemos a jogar.

Voltámos para a escola.

Enviei mensagem à minha namorada.

Ela respondeu

Fui para a aula.

Recebi duas mensagens.

Fui para casa.

Fui ao MSN. Estive a falar com a minha namorada e com outros 2 amigos.

Fui jogar.

O Zé e o João e o Tiago entraram e estivemos a falar.

Estive a falar com a namorada.

Estive a pesquisar umas coisas na Internet e a fazer uns downloads de musicas.

Estive a passar coisas para estudar.

Recebi uma mensagem.

A minha mãe chegou e o meu pai.

Estivemos a falar.

Fui acabar de estudar.

Os downloads já tinham acabado. Estive a enviar para vários amigos.

Recebi duas mensagens.

Fomos jantar.

Fui acabar de estudar. Estive a enviar músicas para outro amigo.

Recebi 8 mensagens e respondi: namorada, Pedro, Tiago, Zé, namorada, Sara, namorada, Zé.

Estive a ver televisão.

Fui-me deitar.

Recebi duas mensagens da namorada e respondi.

ANEXO L - Registo de Interacções - 2

B, 17 anos, sexo masculino

Dia 1.

Levantei-me

Fui para a escola.

Estive nas aulas e falei com uns amigos por mensagem.

Fui almoçar a casa.

Estive 20 m no MSN e falei com dois amigos.

Voltei à escola.

Enviei mensagens para uns seis amigos e amigas a combinar sair logo.

Fui ter com dois amigos.

Fui à natação.

Falei com 6 pessoas por voz, amigos e a minha mãe e a minha tia e 4 pessoas por mensagem.

Fui jantar.

Estive a estudar.

Estive no Facebook e no MSN. Falei com umas dez pessoas no MSN.

Fui sair com uns amigos e falei por mensagem e voz com vários.

Como não estava a dar voltei para casa e estive a fazer o download de um filme e comecei a ver. Enviei e recebi umas mensagens.

Fui-me deitar.

Dia 2 (sábado)

Um amigo ligou a acordar-me às 11 horas.

Não estava ninguém em casa e estive a ver o resto do filme.

Estive no MSN e falei com 3 pessoas.

Almocei.

Fui ter com uns amigos.

Falei por mensagem com duas pessoas.

Fomos ter com eles ao Centro Comercial.

Voltei para casa.

Estive a estudar.

Estive no MSN a falar com 2 pessoas.

Falei ao telefone com a minha prima.

Troquei mensagens com 4 pessoas.

Jantei.

Estive a ver televisão.

Troquei mensagens com 5 amigos e amigas.

Fomos a um café ao pé de minha casa.

Voltei por volta da meia noite e meia, estive a ver televisão.

Estive no Facebook e no MSN. Estavam lá alguns amigos e as minhas primas. Falei com eles.

Estive nuns blogs e respondi a algumas pessoas.

Fui-me deitar.

MODELO EUROPEU DE CURRICULUM VITAE



INFORMAÇÃO PESSOAL

| | |
|---------------------|--|
| Nome | SANTOS, Leonel |
| Morada | RUA DR. TEÓFILO BRAGA, 28 – 1.º - 1200 654 LISBOA |
| Telefone | |
| Fax | |
| Correio electrónico | lionelrs@gmail.com |
| Nacionalidade | Portuguesa |
| Data de nascimento | 06, 04, 1955 |

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- | | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">• Datas (de – até) | Desde 2006 e até hoje |
| • Nome e endereço do empregador | DGITA – Ministério das Finanças |
| <ul style="list-style-type: none">• Tipo de empresa ou sector• Função ou cargo ocupado | Administração Pública Técnico de Informática |
| <ul style="list-style-type: none">• Datas (de – até) | 1999 – 2006 |
| • Nome e endereço do empregador | DGT – Ministério das Finanças |
| <ul style="list-style-type: none">• Tipo de empresa ou sector• Função ou cargo ocupado | Administração Pública Técnico de Informática |

FORMAÇÃO ACADÉMICA E PROFISSIONAL

- | | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• Datas (de – até) | 2007 – 2009 |
| • Nome e tipo da organização de ensino ou formação | ISCTE – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa |
| <ul style="list-style-type: none">• Designação da qualificação atribuída | Pós-Graduação em Antropologia - Multiculturalismo e Identidades |
| • Classificação obtida (se aplicável) | 16 valores |
| <ul style="list-style-type: none">• Datas (de – até) | 2004 – 2007 |
| • Nome e tipo da organização de ensino ou formação | ISCTE – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa |
| <ul style="list-style-type: none">• Designação da qualificação atribuída | Licenciatura em Antropologia |
| • Classificação obtida (se aplicável) | 16 valores |

APTIDÕES E COMPETÊNCIAS

PESSOAIS

Adquiridas ao longo da vida ou da carreira, mas não necessariamente abrangidas por certificados e diplomas formais.

PRIMEIRA LÍNGUA

PORTUGUÊS

OUTRAS LÍNGUAS

- Compreensão escrita
 - Expressão escrita
 - Expressão oral

INGLÊS

Bom

Bom

Bom

- Compreensão escrita
 - Expressão escrita
 - Expressão oral

FRANCÊS

BOM

BOM

BOM

- Compreensão escrita
 - Expressão escrita
 - Expressão oral

ESPAÑHOL

Bom

Elementar

Elementar

APTIDÕES E COMPETÊNCIAS TÉCNICAS

Com computadores, tipos específicos de equipamento, máquinas, etc.

INFORMÁTICA E MICRO-INFORMÁTICA NO CONTEXTO DA PROFISSÃO

APTIDÕES E COMPETÊNCIAS ARTÍSTICAS

Música, escrita, desenho, etc.

1989/ 1991

Academia de Amadores de Música

Solfejo

2002/ 2004

Audium

Instrumento - bateria

OUTRAS APTIDÕES E COMPETÊNCIAS

Competências que não tenham sido referidas acima.

2007 e até hoje

Proprietário do Site de divulgação, crítica e informação de Jazz – JazzLogical

2001 – 2003

Fundador e Director de Redacção da revista All jazz

1998 – 1999

Colaborador regular como crítico de Jazz no semanário Independente

1990 – 1996

Colaborador regular como crítico de Jazz no Diário de Notícias

